

1 - INTRODUÇÃO

Observando o cotidiano escolar no primeiro seguimento do ensino fundamental da Escola Municipal Rotariano Arthur Silva, em Mesquita, percebemos que a função do professor não se restringe apenas ao ensinar, pois durante o processo de ensino-aprendizagem nota-se que o mesmo orienta seus alunos quanto a valores, higiene e segurança, unidos ao afeto, carinho e atenção. Diante dessa constatação emergiu uma questão, um problema: o cuidado com os alunos é obrigação da escola de ensino fundamental?

1.1 - Definindo a palavra cuidar

Alguns autores como Guimarães (2008); Cavalcanti (2004); Candiotto (2008); Dalbosco (2006); Frota, Albuquerque e Linard (2007); e Boff (2008) nos ajudam a compreender melhor o sentido de cuidar. Dentre eles, tomamos como referência Boff (2008), que mais se aproxima de nossa visão de cuidado, numa visão mais humanística e ampliada, para além do universo escolar. Cuidado como cultura, para além da garantia física, em todos os níveis educacionais.

A palavra cuidar origina de dois vocábulos latinos: cogitare (que está associada ao sentido de pensar e imaginar) e curare (sentido de tratar de). Cuidar, segundo Guimarães (2008) envolve carinho e atenção ao outro. Já Platão (apud Cavalcanti, 2004), defende que o cuidado é uma forma de conhecer a si mesmo.

No Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI – volume 1), o cuidado aparece como forma de compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano, valorizando e ajudando a desenvolver capacidades.

Leonardo Boff (2008) apresenta o cuidado como uma das coisas fundamentais na vida, sendo ele um veículo de princípios, valores e atitudes que fazem da vida um bem-viver e das ações um reto agir, consigo e com os seus outros.

Diante dessas afirmações sobre o conceito de cuidar podemos entender que como educadoras também cuidamos dos nossos alunos, não simplesmente como alunos, mas também como crianças, como seres humanos. Assim, assumimos neste trabalho, ato de cuidar como uma questão humanística, valorizando os alunos como indivíduos dotados de necessidades físicas, emocionais e psicológicas.

Um breve histórico do cuidado na educação

Quando se fala em cuidado na educação, pensa-se imediatamente em educação infantil, mais especificamente nas creches. Essa ideia de cuidar de crianças pequenas passou a existir no Brasil há muitos anos. Nesta primeira concepção de cuidado, o mesmo se reduz a atitudes de cuidado com o corpo e com a higiene.

Como já era de se esperar, o cuidado na educação surge com o aparecimento das creches. Até então, quem cuidava das crianças eram as mães ou, mais antigamente, as amas de leite. As creches surgem com as primeiras fábricas e indústrias no Brasil, com o objetivo de cuidar das crianças enquanto suas mães (operárias pobres) trabalhavam, evitando assim faltas e greves.

Guimarães (2008) nos mostra que ainda hoje as creches são compreendidas dessa forma: como um espaço de alimentar e higienizar a criança.

Atualmente, autores como Foucault e Leonardo Boff, além do RCNEI, nos influenciam a ampliar esse sentido de cuidado. Para Guimarães (2008) esse novo sentido de cuidado pode ser ampliado a uma postura mais ética, como formas de cultura de si, atenção ao outro e prática de liberdade.

O cuidado, então, deixa de ter um enfoque higienista e passa a ter uma dimensão pedagógica. Da mesma forma, se o cuidado ganha uma dimensão pedagógica, esse não se resume apenas às creches, mas se estende a toda a educação infantil e ensino fundamental. Na verdade, se estende por toda a vida.

Objetivos da pesquisa

Nesse contexto, esta pesquisa teve como objetivo geral problematizar e esclarecer quanto ao papel da escola fundamental no que diz respeito ao cuidar, destacando como objetivos específicos, compreender e definir melhor o sentido da palavra cuidar e; identificar algumas condições em que vem sendo desenvolvido esse papel pela escola.

Para tanto, estabelecemos ter como objeto um estudo de caso, realizado em setembro de 2008 a maio de 2009, contexto do qual fazemos parte como professoras, etc...

Justificativa

Esse estudo se justifica, dada à vivência como professoras dessa realidade, e da observação de que alguns professores, ainda que não percebam, desenvolvem essa tarefa de cuidar em sua prática de cotidiano escolar. Além disso, tendo em vista o menor contato das crianças com as famílias, e com a sua mudança dentro do contexto social, a escola acaba também por mudar a sua função: ao invés de apenas ‘ensinar’ passa para a de ‘educar’.

Através da revisão bibliográfica do tema dessa pesquisa, buscamos esclarecer sobre as mudanças do papel da escola nos dias atuais e sobre o sentido da palavra e do ato de cuidar, como por exemplo, em GUIMARÃES (2008); GOMES (2006)

Assim, compreendendo que o ato de cuidar não se restringe somente à educação infantil, mas se estende para toda a vida escolar e não escolar, buscamos quebrar com certo paradigma, preconceito, ou engano, entre os professores que atuam no ensino fundamental, e recorrendo, para isso, a autores e a reflexão crítica sobre a legislação que rege a educação Brasileira.

Refletir sobre a infância em sua pluralidade dentro da escola é, também, pensar nos espaços que têm sido destinados para que a criança possa viver esse tempo de vida com todos os direitos e deveres assegurados. Neste texto, embora tenhamos como objetivo o debate sobre a entrada das crianças de seis anos no ensino fundamental, queremos pensar que a infância não se resume a essa faixa etária e propor uma reflexão sobre que aspectos têm orientado a nossa prática. (NASCIMENTO, 2006, P.28)

Caminhos teórico-metodológicos

O presente estudo-pesquisa focou-se na pesquisa qualitativa em educação, procurando desenvolver um levantamento e uma leitura crítica da temática abordada, e trilhar nessa mesma direção os instrumentos metodológicos para a realização da pesquisa de campo. Nesse sentido, utilizou o levantamento bibliográfico, questionários abertos, rodas de conversa, além da observação das pesquisadoras.

Primeiramente, fizemos uma pesquisa de revisão bibliográfica. Lüdorf (2003, p 69) explica a respeito do levantamento bibliográfico dizendo que “[...] A fonte de informação é a consulta a livros, periódicos, revistas, jornais etc”, sendo esta fundamental para o embasamento do trabalho.

Nessa primeira fase, revisamos os autores estudados em nosso curso de especialização e outros que abordam o assunto. Também pesquisamos e analisamos 15 (quinze) artigos no banco de dados do Site Scielo¹ (2009) que enfocam o tema cuidado em diferentes visões, e encontram-se relacionados no Anexo 1.

Pesquisando o site mencionado acima, pudemos constatar que existe pouca produção acadêmica na área da educação tratando do assunto. Pois, muitos deles foram escritos por pessoas da área da saúde. Dentre esses quinze artigos apenas um foi escrito por alguém da área da educação; três dos artigos foram escrito por alguém da área de psicologia; um por alguém da filosofia e; onze por pessoas da área da saúde, sendo que, um desses autores possui formação antropológica e um na área social.

Mesmo encontrando, dentre esses artigos, pesquisas em educação, essas são voltadas para creches e são realizadas por pessoas de outras áreas de atuação que não a educação. O que reforça a idéia de que pouca atenção acadêmica tem sido dada à questão do cuidado na educação, principalmente no ensino fundamental.

Muitos foram os autores abordados nesse estudo, entretanto, dentre eles tomamos como principais embaixadores de nossa pesquisa, Leonardo Boff (2008), Sônia Kramer (2006) e Daniela Guimarães (2008).

Guimarães (2008) nos forneceu, através de sua tese de doutorado em educação realizada na PUC-RIO, dados importantes quanto à abordagem do cuidado na educação e na sociedade através da história. Além disso, nos forneceu definições e visões de cuidado que, apesar de terem sido focadas na educação infantil, mais precisamente na creche, cabem muito bem ao ensino fundamental em sua essência.

Kramer (2006), como estudiosa de longa data da educação infantil, contribuiu e vem contribuindo bastante para a formação de professores dos anos iniciais do ensino fundamental, principalmente após a incorporação de crianças com seis anos de idade nesse segmento da educação básica, fato ocorrido com a Lei de Diretrizes e Bases - LDB 9394/96. A autora organizou, ainda, um livro² recomendado e publicado pelo

¹ Foi consultado o Site da ANPED, porem não foi encontrado nenhum artigo/estudo que abordasse o tema da presente pesquisa, por isso, optamos pelo SCIELO por possuir buscas diversas. Pesquisas que tratam da questão do cuidar.

² KRAMER, Sonia. A infância e sua singularidade. In: *Ensino Fundamental de 9 anos – orientações para a inclusão de crianças de 6 anos de idade*. Brasília: MEC, 2006

Ministério da Educação, sobre a inserção dessas crianças no ensino fundamental. Neste livro, vários autores, contribuem com textos valiosos, dentre eles Nascimento (2006, p.25) com o texto “A infância na escola e na vida: uma relação fundamental”.

Especificamente, neste texto, a autora aponta que a lei 11.274 de 6 de fevereiro de 2006, assegura o direito das crianças de seis anos à educação formal, obrigando as famílias a matriculá-las e o Estado a oferecer o atendimento.

Nascimento (2006) faz um debate sobre o ensino fundamental de nove anos, tendo como foco a busca de possibilidades adequadas para recebermos as crianças de seis anos de idade nessa etapa de ensino. A autora afirma que para tanto é necessário discutir sobre quem são essas crianças, quais são as suas características e como essa fase da vida tem sido compreendida e questiona: “o que temos privilegiado no cotidiano escolar? As vozes das crianças são ouvidas ou silenciadas? Que temas estão presentes em nossas salas de aula e quais são evitados? Estamos abertos a todos os interesses das crianças? (MONTEIRO, 2006, p, 27)”.

E acrescentaríamos, será que as crianças de seis anos têm recebido o cuidado e atenção que recebiam quando as mesmas freqüentavam as aulas na Educação Infantil? Temos proporcionado o desenvolvimento integral dos nossos alunos dos três primeiros anos do Ensino Fundamental?

Ao afirmar que o principal papel da escola é o desenvolvimento integral da criança, Monteiro (2006), alerta que devemos considerá-la nas dimensões afetiva, cognitiva, social e psicológica, e não é somente pelo fato de terem seis anos que necessitam de cuidado, pois, segundo ela, a infância está presente nos anos\séries iniciais do Ensino Fundamental e não só na Educação Infantil. Estar comprometido com a educação e em cuidar dos alunos não cabe somente ao professor, mas também aos demais funcionários da escola, pois quando assumimos esse comprometimento toda comunidade escolar está envolvida.

Diante disso, uma coisa se torna lógica: novas abordagens e novos enfoques devem ser dados a essa fase inicial desse segmento, já que passa a incorporar crianças com necessidades e características diferenciadas das anteriormente atendidas, como se encontrássemos agora um ponto de intersecção entre o ensino fundamental e a educação infantil.

Já Boff (2008), em sua visão humanística de cuidado, no sentido de cuidado com o outro e com o ambiente em que vivemos, nos favorece por retirar do foco sobre o

cuidado até então visto por professores, sob o senso comum. Cuidar, a partir de sua visão, não se restringe ao dar banho, dar comida... a cuidados primários. O cuidado na visão global e humanística inclui todos os seres humanos nesse processo. Pois, o cuidado não se restringe ao físico, mas ao intelectual, afetivo e social. E nós educadores, instrumentos importantes na formação de cidadãos estamos diretamente incluídos nesse contexto. Boff (2008) nos chama, assim, a “uma conversão” da consciência e do olhar sobre o cuidado: ampliarmos a nossa visão de cuidado primário para um cuidado em sentido mais amplo, humanístico.

Ainda nessa pesquisa e revisão bibliográfica, colhemos dados relevantes a esse assunto na legislação educacional, como no Estatuto da Criança e do Adolescente e no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (que dá mais atenção ao cuidado, por se tratar da educação infantil, porém numa visão mais humanística e menos restrita ou primária).

Em seguida, buscamos organizar a pesquisa de campo, procurando abordar a visão do professor, dos responsáveis e dos alunos sobre a questão do cuidado.

Nesse sentido, caracterizamos nossa pesquisa como um estudo de caso, onde este é compreendido como:

Um dos tipos de pesquisa qualitativa que vem conquistando crescente aceitação na área da educação. É uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida, como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa ou uma unidade social. Visa conhecer o seu “como” e os seus “porquês”, evidenciando a sua unidade e identidade própria. É uma investigação que se assume como particularística, debruçando-se sobre uma situação específica, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. (VILABOL apud RODRIGO, 2008, p 3)

O local de campo escolhido para este estudo foi a Escola Municipal Rotariano Arthur Silva, situada na Rua Paraná, nº 443, Centro de Mesquita-RJ, mais precisamente, focado nos três primeiros anos do ensino fundamental, que compreendem o ciclo de alfabetização.

Essa escolha foi feita, pelo fato de já atuarmos como professoras nesta unidade escolar há três anos e, pela aproximação dessa fase do ensino fundamental com a

educação infantil, que com a LDB 9394/96, que passou a incorporar crianças de 6 anos (idade antes atendida pela Educação Infantil).

O espaço físico da escola estudada apresenta três andares, onde estão distribuídas dezenove salas de aula Sendo, duas delas usadas para sala de recursos e oficina de aprendizagem e, as demais, com turmas regulares do ensino fundamental.

Essa escola atende a turmas do primeiro ao nono ano do ensino fundamental, ou seja, atende aos dois seguimentos do ensino fundamental, em três turnos: manhã e tarde com turmas regulares e a noite com turmas de educação de jovens e adultos.

A sala de recursos, anteriormente citada, atende individualmente a alunos matriculados nas turmas regulares de ensino da mesma unidade escolar, ou em outra unidade do município de Mesquita, que possuem necessidades especiais, por isso, é considerada um segmento da educação especial. Já a oficina da aprendizagem é um projeto da Secretaria de Educação que atende a alunos com dificuldades na aprendizagem da linguagem escrita, ou seja, da alfabetização, distribuídos em turmas com um número reduzido e no contra-turno. Este último atende apenas a alunos matriculados nesta mesma escola e que já tenham passado da idade em que normalmente ocorre a alfabetização. Ambas as salas atendem aos alunos matriculados nela semanalmente.

Além dessas salas de aula, a escola conta com um auditório, com TV e DVD; uma biblioteca, onde funciona um clube de leitura; um laboratório de informática, utilizado por todos os alunos quinzenalmente; um refeitório; uma cozinha; um almoxarifado; uma secretaria; uma sala de coordenação pedagógica e orientação educacional; uma diretoria; uma sala de materiais pedagógicos; uma sala de professores, com dois banheiros; uma quadra poliesportiva; um pátio e seis banheiros para alunos, donde apenas três funcionam no momento.

A escola conta com uma diretora e dois diretores adjuntos. No total são 114 (cento e quatorze) funcionários, dentre eles 65 são professores regentes do primeiro e segundo seguimento, sendo 11 (onze) professores do ciclo de alfabetização, que é o nosso foco de estudo.

São 1505 (mil quinhentos e cinco) alunos matriculados nesta escola, sendo 247 (duzentos e quarenta e sete) alunos matriculados nos três primeiros anos do ensino fundamental – nosso foco nessa pesquisa

No nosso cotidiano percebemos que nas creches e pré-escolas, fica fácil compreender por parte dos educadores que seu papel é cuidar e educar, e que ambos se complementam. Mas, e no ensino fundamental? Será que os professores-educadores enxergam o cuidar da mesma forma?

Para isso, utilizamos o recurso de questionários abertos (Anexo 2), com os professores que lecionam nos três primeiros anos do ensino fundamental desta unidade escolar, nos turnos matutino e vespertino (num total de 67 professores), abordando questões sobre o cuidado. Através desse questionário levantamos dados sobre suas concepções de cuidado e como eles vêem o cuidar, especificamente, dentro do segmento em que atuam.

Para sabermos a visão dos responsáveis dos alunos matriculados nas turmas estudadas, planejamos utilizar o recurso de questionário aberto, dentro de uma reunião, na mesma unidade escolar, entretanto, essa possibilidade foi inviabilizada devido ao calendário da escola, pois não podemos agendar tal reunião dentro do prazo necessário para a realização desta pesquisa.

Fizemos, então, um questionário auto-explicativo, enviando o mesmo através dos alunos aos seus respectivos responsáveis, a fim de serem devolvidos no prazo de três dias, através dos próprios alunos (Anexo 3).

Os questionários respondidos pelos responsáveis foram realizados em forma de amostras. Isso porque apenas os responsáveis dos alunos matriculados nas turmas das pesquisadoras participaram, devido à inviabilidade de informarmos a todos os responsáveis dos alunos da escola sobre os objetivos da pesquisa, e ainda, nem todos aderiram à pesquisa respondendo-os. Segundo Lüdof (2003, p 73), “a amostra é um conjunto de elementos representativos de um universo ou população, selecionado mediante critérios pré-determinados”.

Os questionários respondidos pelos professores e responsáveis constaram de perguntas fixas enfocando o que eles pensam sobre o cuidado na educação e na família.

Com os alunos, utilizamos o recurso da “roda de leitura”, já que, devido à faixa etária, possuem maior domínio sobre a linguagem oral. Devido ao grande número de turmas e alunos nessa unidade educacional, participaram dessa pesquisa apenas os alunos matriculados nas turmas em que regemos – uma turma de primeiro ano no turno vespertino e, uma turma de terceiro ano no turno matutino.

Assim, com as crianças, fizemos uma roda de conversa sobre o assunto, dentro do horário normal de aula, onde elas tiveram a oportunidade de expor seus pensamentos e experiências escolares e extra-escolares sobre o cuidar. As rodas de conversa foram gravadas em forma de áudio e transcritas na íntegra, para posteriores análises. Escolhemos duas delas para constar nos Anexos 4 e 5.

Devido à impossibilidade de esclarecermos pessoalmente aos responsáveis sobre os objetivos de nossa pesquisa, decidimos fazer gravação das falas das crianças, preservando a identidade das mesmas, isto é, ao transcrever as falas usamos somente as letras iniciais dos seus nomes.

Os professores e responsáveis participantes da pesquisa tiveram a oportunidade de escolher um nome fictício para a garantia de maior liberdade e privacidade nas respostas, aproximando-nos mais da forma como eles realmente pensam o assunto em questão. Os professores autorizaram a citação de seus respectivos nomes e alguns responsáveis optaram por utilizarem um nome fictício, enquanto outros pais de alunos não se importaram em declararem seus próprios nomes, sendo assim, autorizados pelos mesmos.

Como fazemos parte desta mesma unidade escolar, nossa observação foi participante, principalmente, no que diz respeito à observação das crianças, sem desconsiderar a relação com os demais colegas e servidores, e com os pais/responsáveis.

Em seguida, analisamos os dados coletados nos questionários e na Roda de conversa com os alunos, análise essa, que está descrita e apresentada como uma leitura de dados e realidade neste mesmo trabalho.

Para tal análise, utilizamos como critérios fazer o levantamento sobre a compreensão que professores responsáveis e alunos têm sobre o cuidado e a função da família e da escola no que se refere ao cuidado com as crianças.

A estrutura do trabalho

O presente trabalho consta de quatro capítulos.

Neste primeiro capítulo, apresentamos a idéia do cuidar, e um breve histórico do cuidado na educação, além dos caminhos percorridos por nós nessa pesquisa, seus objetivos, justificativa e os caminhos teórico-metodológicos adotados.

No segundo capítulo, dissertamos sobre as visões e abordagens da palavra cuidado por alguns autores, e sua aplicação até os dias atuais dentro da educação, capítulo este, que compreende a etapa de revisão bibliográfica.

Já no terceiro capítulo, descrevemos os dados colhidos na parte prática da pesquisa, através de questionários e da roda de conversa com as crianças, realizados em caráter de pesquisa de campo na Escola Municipal Rotariano Arthur Silva (Mesquita – RJ), e, a análise dos mesmos.

Por fim, no quarto, e último, capítulo, discorremos sobre nossas considerações finais como relação à pesquisa realizada, tendo consciência de sua dinamicidade e de seu caráter provisório, como os apontamentos que julgamos necessários e sugestões para posteriores pesquisas nesta área.

2 - A CULTURA DO CUIDADO

Quando se fala em cuidado na educação, pensa-se imediatamente em educação infantil, mais especificamente nas creches. Essa ideia de cuidar de crianças pequenas passou a existir no Brasil há muitos anos. A seguir faremos uma exposição sobre o surgimento das primeiras creches brasileiras e como o cuidado era entendido. Após, apresentaremos a ideia de cuidar de uma forma mais ampla, diferenciando-se um pouco de sua “origem”.

Porém, podemos perceber que a história da educação e do cuidado na educação está intimamente ligada às concepções de infância da época.

2.1 As diversas concepções de infância

Faria (1995, p.09) afirma que “[...] a criança será percebida pela sociedade de forma diversificada ao longo dos tempos, conforme as determinações das relações de produção vigentes em cada época”.

Por esta razão faz-se necessário resgatar ao longo da história universal as diversas versões do conceito de infância e como a mesma é vista na atualidade, pois para se falar sobre o cuidado de crianças precisamos compreender tais concepções que serão apresentadas.

A Concepção de Infância nos períodos Greco-Romano e Idade Média

Postman (1999), em *O desaparecimento da infância*, analisa as diferenças e semelhanças da concepção de infância ao longo da história.

Os gregos eram apaixonados pela educação, por isso, atenienses e espartanos preocupavam-se com a leitura e a escrita, porém, os últimos voltavam-se mais para os exercícios físicos. Na cultura grega não havia exatamente uma concepção de infância, pois prestava pouca atenção nessa fase como categoria etária especial, mas havia consciência das peculiaridades dos jovens (poderiam ser crianças ou jovens). Havia uma preocupação de ensinar virtudes.

Já os romanos davam mais atenção à idade, à criança pequena e, assim, conectavam a criança em crescimento à noção de vergonha que é peculiar a noção de infância.

Na Idade Média, desaparece a capacidade de ler e escrever, a educação e a noção de vergonha. Não se “respeitava” as crianças e “brincavam” com suas partes íntimas porque acreditavam que elas eram destituídas de alma, de sentimento. A leitura e a escrita desaparecem da sociedade, assim como as diferenças entre adultos e crianças.

[...] na Idade Média não existia um sentimento de infância que distinguisse a criança do adulto. Ela era considerada um adulto de pequeno tamanho, pois executava as mesmas atividades dos mais velhos. Nessa época, devido às condições precárias de existência e, conseqüentemente à pequena expectativa de vida, a sociedade dos adultos era constituída, em parte, de crianças e jovens de pouca idade. A infância, nessa época, era vista como um estado de transição para a vida adulta. Não se dispensava um tratamento especial para as crianças... o importante era a criança crescer rapidamente para poder participar do trabalho e de outras atividades do mundo adulto. (FARIA, 1995, p.11).

A leitura e a escrita não era direito de todos e deixa de ser um ato social. A Igreja Católica se apropriava da alfabetização como meio de manter o controle sobre uma população numerosa, e diversificada, isto é, controlar as idéias. Os clérigos eram induzidos a formar uma corporação de escribas que fossem os únicos a ter conhecimentos teológicos e intelectuais. Dessa forma a comunicação humana, na Europa, voltou a uma condição “natural” dominada pela expressão oral. Jean-Jacques Rousseau concordava que para o homem viver o mais próximo da natureza deveria desprezar os livros e a leitura.

Postman (1999) ressalta que o modo medieval de aprender é o da oralidade e que o mesmo acontece essencialmente na prática de algum serviço.

[...] num mundo letrado, ser adulto implica ter acesso a segredos culturais codificados em símbolos não naturais. Num mundo letrado, as crianças precisam *transformar-se* em adultos. Entretanto, num mundo não letrado não há necessidade de distinguir com exatidão a criança do adulto [...] (POSTMAN, 1999, p.27).

Se a capacidade de ler e escrever proporciona o indivíduo conhecimentos de segredos culturais codificados, não era necessário então, ler e escrever na Idade Média.

As pessoas viviam numa sociedade não letrada, e as crianças não poderiam transformar-se em adultos, já que não havia distinção entre estes e aquelas.

Não existia um traje reservado à infância. Ela era vestida como os outros homens e mulheres da mesma condição social. “Ainda não havia separação das pessoas por idades, apenas existia divisão de classes marcada pela riqueza e pelo vestuário (FARIA, 1995, p.11)”.

A trajetória da Concepção de Infância do século XII à modernidade

No século XII, em meio a uma sociedade feudal havia o desconhecimento da infância, pois os textos da época não mencionavam nada sobre as crianças. Estas não tinham batismo, funeral e muito menos túmulo. A taxa de mortalidade infantil também era muito alta devido à inexistência de vacinas. Aos sete anos, a criança era levada para outra casa onde aprendia um ofício, havendo, assim, um grande desapego familiar. Usavam trajes de adultos, o que impossibilitava a distinção entre elas e os adultos. A importância da criança era a perpetuação da família e sua educação era feita de forma coletiva.

Entre os séculos XIII à XV, devido à crença em Jesus e relatos sobre a sua infância, começa-se a ter um olhar sobre a mesma, mas era retratada de forma adulta. E, só quando inicia a ascensão da burguesia é que aparece o conceito de família que até então não existia. No século XV, particularmente, registra-se os primeiros funerais e os primeiros batismos de crianças.

Somente nos séculos XVI e XVII, observa-se cenas de almoço com crianças e do cotidiano em quadros e livros. As crianças não iam mais para outra família para serem educadas, agora vão para o internato. Elas não se vestiam mais como os adultos, porque tinham um traje especial, um traje infantil “[...] as formas exteriores e o traje tinham uma importância muito grande, é prova da mudança ocorrida na atitude com relação às crianças (ÁRIES, 1981, p. 157)”.

Áries (1981) ressalta que nesse momento surge um novo sentimento de infância a “paparicação” que se destaca pela graça, pelo apego. A criança se tornava uma fonte de distração e de relaxamento para o adulto que sentia prazer em “paparicá-las”. Nesse momento, segundo GÉLIS (1991), a criança ganha uma personalidade e pensa-se em valorizá-la como um ser “dono” do seu corpo, procurando poupá-la da doença e do sofrimento. Ela passa a ocupar um lugar importante nas preocupações dos pais porque

“[...] é uma criança que amam por ela mesma e que constitui sua alegria de cada dia (GÉLIS, 1991, p.317)”.

Diante da preocupação médica com o cuidado e com a saúde da criança, há a valorização do aleitamento materno, contudo, o fato de amamentá-la não significava que a mãe o fazia. A mulher se preocupava em manter o corpo íntegro e atraente, e assim, com a aprovação do marido tinha uma ama de leite.

Junto a esse sentimento de “paparicação”, abre-se o movimento da “racionalização” que se voltava a “moralização”. A “paparicação” era criticada pelos religiosos e pelos educadores que acreditavam que a criança não tinha sentimento próprio e por isso precisava ser moralizada por meio da disciplina e a racionalidade dos costumes. Dessa forma surge a educação privada, acreditando que a criança ficando individualizada e sendo punida, estaria sendo “concertada” da paparicação. Em contrapartida, a educação privada é criticada, alegando que nessa há um demasiado espaço à afetividade e, assim, a Igreja e o Estado retomaram o encargo do sistema educativo.

É entre os moralistas e os educadores do Século XVII que vemos formar-se esse outro sentimento da infância que inspirou toda educação até o Século XX, tanto na cidade como no campo, na burguesia como no povo. O apego à infância e à sua particularidade não se exprimia mais através da distração e da brincadeira, mas através do interesse psicológico e da preocupação moral. (ARIÈS, 1981, p.162)

Todas as concepções de infância vistas anteriormente principalmente o da “paparicação” e o “moralização” deram margem ao conceito de infância da modernidade que ressalta a particularidade em distinguir a criança do adulto.

Vê-se a criança como única, a partir das relações que se estabelecem. A concepção de infância na modernidade não a vê de uma forma naturalizada tendo em vista que a criança tem a capacidade de imaginar e de criar.

Um breve histórico do cuidado

No final do século XIX, no período colonial, a criança escrava era incorporada ao trabalho da mãe que costumava amarrá-la às costas a fim de conciliar o trabalho com o cuidado ao seu filho. As escravas que eram escolhidas como amas de leite destinavam

seus filhos muitas vezes à Roda- um objeto material disposto na porta de algumas instituições religiosas no Brasil do século XIX onde a mãe depositava a criança sem que fosse identificada.

A Roda era também amplamente utilizada pelos proprietários que não queriam se responsabilizar pela criação dos filhos dos escravos, ou quando desejavam que a escrava realizasse um trabalho na casa, impossibilitando a permanência do filho.

Na segunda metade do século XIX essa prática passou a ser criticada pelo movimento abolicionista e pelo movimento higienista. Este inicia uma luta em prol da reeducação física, moral e intelectual da mãe das classes abastardas.

Os médicos criticavam a existência das amas de leite por não amamentarem seus próprios filhos que eram deixados na Roda e os perigos do uso da mamadeira.

A partir de 1871, a Roda começou a ser menos utilizada e as escravas do serviço doméstico não têm onde deixar seus filhos para trabalharem. Então, médicos aliados às mulheres burguesas implantaram as primeiras creches, visando atender os filhos das trabalhadoras domésticas.

No final do século XVIII, ocorreu na Europa a Revolução Industrial, que marcou o início da consolidação da sociedade capitalista [...] As descobertas técnico-científicas ocasionaram um retardo no ingresso da criança na produção, pois esta precisava de mais tempo para assimilar a ciência e a tecnologia que seriam, mais tarde, aplicadas ao mundo do trabalho. Nesse contexto a criança tornou-se alguém que precisava ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação interior. (FARIA, 1997, p. 16)

As primeiras fábricas e indústrias no Brasil também inauguram creches, a fim de manter o trabalho feminino. Esse processo de urbanização e o surgimento de novas fábricas desencadearam a criação de creches com a finalidade de atender os filhos das operárias pobres. Era um modo de evitar as faltas e as greves.

Pode-se dizer que de uma forma geral a origem e o desenvolvimento da creche no Brasil estão ligados as relações entre mãe-trabalho-criança, a fim de fortalecer a vida produtiva do país. Desse contexto lembramos na CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Em 1943, há a determinação de que as empresas com no mínimo trinta

mulheres maiores de dezesseis anos deveriam oferecer espaço para a guarda das crianças que ainda mamavam, isto é, as creches sob aspecto geral. Hoje a creche ainda é entendida dessa forma como um lugar preparado para atender a necessidade da mãe que trabalha e não tem onde deixar seu filho.

Guimarães (2008) afirma que a linha de ação e preocupação higienista afeta até hoje de modo muito forte o trabalho com as crianças pequenas, delimitando a construção de rotinas e as formas de relação com os pequenos, especialmente os bebês. A autora ainda complementa que a cor branca dos berços, uniforme das educadoras, preocupação com a limpeza, banho e alimentação como marcos da creche acabaram ligando a ideia de cuidado na creche aos hábitos de higiene e alimentação. Em suma, a creche ainda é reconhecida somente como um lugar que alimenta e se preocupa com a higiene da criança.

Diante desses aspectos característicos da creche, Guimarães (2008) redimensiona essa perspectiva do cuidado, entendendo-o de modo mais amplo, como uma postura ética, não só como ação dos adultos sobre as crianças, mas como promoção de uma cultura de si, atenção ao outro, prática de liberdade. Para ela, nesta perspectiva, o bebê não é só objeto de ação do outro, mas sujeito de ações.

Sob essa perspectiva, a ideia de cuidado de modo amplo é estendida a educação infantil que o compreende “[...] como parte integrante da educação, embora possa exigir conhecimentos, habilidades e instrumentos que extrapolam a dimensão pedagógica (RCNEI, vol 1, p 24)”.

2.2 Afinal, o que é cuidar?

Inicialmente, é necessário um estudo sobre o significado da palavra cuidado e, como ele vem sendo compreendido nos trabalhos já realizados. Para isso, vimos diferentes teóricos e reflexões.

A palavra cuidar origina de dois vocábulos latinos: cogitare (está associada ao sentido de pensar e imaginar) e curare (sentido de tratar de). Cuidar, portanto, “[...] é uma expansão de sentido de cogitare, agitar pensamentos, cogitar, pensar naquilo que se cuida, estar atento ao objeto do que se cuida; também, no sentido de desvelo, solicitude o esmero. Pode-se entender que cuidar não envolve só uma habilidade técnica, mas uma atenção, reflexão, contato e, levando em conta o componente emocional, que envolve carinho, atenção ao outro (GUIMARÃES, 2008, p. 19)”.

Diante dessas afirmações sobre o conceito de cuidar podemos entender que como educadoras também cuidamos dos nossos alunos, não simplesmente como alunos, mas também como crianças, como seres humanos.

Cavalcanti (2004), cuidar é uma atitude em relação a si, aos outros e ao mundo; o cuidar de si indica ações por meio das quais uma pessoa se encarrega de si mesma e se modifica. Essa visão também é percebida na expressão “conhece-te a ti mesmo”, impelindo aos outros a se ocuparem de si mesmos e a terem cuidados consigo. Ela acrescenta que, para os antigos, ocupar-se de si mesmo se define como um modo de viver com os outros, implicando uma intensificação das relações sociais.

Candiotta (2008) enfatiza que, segundo Foucault, nas escolas antigas, o conhecimento de si refere-se ao princípio basilar do cuidado de si. No mesmo artigo, ele define o cuidado de si da seguinte forma:

O solo da *epiméleia heautoû*, traduzido pelos latinos como *cura sui* e para o português como cuidado de si, diz respeito à atitude diferente consigo, com os outros e com o mundo; indica a conversão do olhar do exterior para o próprio interior como modo de exercer a vigilância contínua do que acontece nos pensamentos; sugere ações exercidas de si para consigo mediante as quais alguém tenta modificar-se; designa maneiras de ser, formas de reflexão e de práticas que conformam o núcleo da relação entre subjetividade e verdade. (CANDIOTTO, 2008, p.91)

O autor ainda afirma que na pedagogia grega, o cuidado refere-se à arte de viver, a ser desenvolvida ao longo da existência, desdobrando-se nas funções de luta (preparando para suportar eventuais acidentes, infelicidades e desgraças que lhe possam ocorrer), de crítica (para corrigir os maus hábitos) e de terapia (tarefa fundamental do cuidado de si, o saber cuidar do corpo e da alma).

Já na cultura greco-romana, segundo Candiotta (2008), o cuidado de si muda de foco, passando por uma conversão. Cuidar de si implica atos de proteção e de defesa, atitudes de respeito pelo eu, estado de alguém que está em posse do eu porque o domina. Cavalcanti (2004) acrescenta dizendo que o exercício do poder sobre si mesmo regula o poder que se exerce sobre os outros, ou seja, quando se sabe o que se é, do que se é capaz, o que temer, o que esperar, não há perigo de abusar dos outros.

Concluindo: o cuidado que o indivíduo deve ter consigo é o de conhecer a si mesmo (Platão apud Cavalcanti, 2004).

Embora Cavalcanti (2004), esteja voltada em seu artigo às práticas psicanalíticas, um apontamento é importante para nós, professores-educadores, que estamos envolvidos nessa tarefa de cuidar do outro, o aluno:

Para pensar o cuidado de si incluindo o cuidado do outro é preciso conceber uma "primeira presença" do outro, na constituição de signos alucináveis de percepção, o outro-irmão; se o outro só se faz presente como castrador, interditor, legislador, pai-pastor, não haverá motivo para cuidar dele, se não for o medo, dele ou do "real lá fora", enquanto eu acreditar que ele (ou "eles", a "sociedade") podem me proteger contra os perigos do "real lá fora". (CAVALCANTI, 2004, p.70)

Sendo assim, é preciso estar atento para que essa relação de cuidar não esteja polarizada, ou no “cuidador” que protege dos perigos, ou no “cuidador” que castra ou põe medo.

Dalbosco (2006) nos apresenta uma visão de cuidado como uma forma de garantir o desenvolvimento cognitivo, moral e estético da criança. Além disso, ressalta que a visão pedagógica do cuidado considera a dimensão de incompletude do ser humano. Para esclarecer sua tese recorre à antropologia, fazendo uma relação entre pedagogia e filosofia, baseando-se em Heidegger³.

Para Dalbosco (2006), o cuidado diz respeito a uma atitude, um modo de ser-no-mundo adotado pelo ser humano em relação à sua ação e ao fenômeno da vida em sua totalidade. E, exige do ser-aí uma autocompreensão de sua ação como um acontecimento que abrange a totalidade da vida humana, tendo em mente uma perspectiva de integralidade, com a faticidade (o passado), a existencialidade (o futuro) e a decadência humana (o presente – onde ocorre o cuidado).

Portanto, agir de acordo com o cuidado significa viver num momento presente, mas com a consciência da temporalidade, isto é, de pertença a um passado e com capacidade de projetar um horizonte (DALBOSCO, 2006).

³ Na visão de Heidegger (apud DALBOSCO, 2006) o cuidado tem início com a angustia do ser humano.

Loparic (2003 apud DALBOSCO, 2006) amplia o conceito de cuidado associando com uma postura ética de responsabilidade do ser humano em relação à integralidade de sua vida e com a perspectiva de mundo como totalidade.

Embora alguns autores possuam estudos que enfoquem o cuidado relativo à saúde, as pesquisadoras Frota, Albuquerque e Linard (2007) consideram o cuidado numa visão mais ampla, como forma de humanização:

O ser humano necessita de cuidados em sua totalidade, exercendo, assim, uma ação preferencial em relação a sua consciência crítica nas dimensões física, psíquica, social e espiritual. Deixando-se tocar pelo sentimento humano, torna-se um radar de alta complexidade, humaniza-se no processo e tem a chance e o privilégio de crescer em sabedoria, com a valorização e descoberta de que a vida não é um bem a ser privatizado, mas um dom a ser vivido e partilhado. (PESSINI; BERTACHINI, 2007 apud FROTA; ALBUQUERQUE; LINARD p.250)

O cuidado na visão de Leonardo Boff

Considerando que o ponto de vista do autor é assumido por nós nessa pesquisa, resolvemos dar destaque a suas reflexões a cerca do assunto em estudo: o cuidado.

Ele apresenta o cuidado e a compaixão como sendo fundamentais na vida. E reforça isso dizendo que “[...] O cuidado é, na verdade, o suporte real da criatividade, da liberdade e da inteligência. [...] no cuidado identificamos os princípios, os valores e as atitudes que fazem da vida um bem-viver e das ações um reto agir (BOFF, 2008, p 11-12)”.

Atualmente, com a era tecnológica, muitas pessoas deixaram de exercer o contato físico presente no cuidado. E, para ilustrar isso, Boff (2008) dá o exemplo do uso do tamagochi, um brinquedo japonês onde as pessoas precisam cuidar de um bichinho virtual, ou seja, o cuidado se transferiu para o virtual, assim como outras formas de relação. Para ele, o mundo virtual criou um novo habitat para o ser humano, caracterizado pelo encapsulamento sobre si mesmo e pela falta do toque, do tato e do contato humano.

Algumas vezes percebemos que muitos de nossos alunos revelam-se carentes de atenção e de carinho, devido à ausência de seus pais por conta do trabalho e/ou porque estes não expressam afeto em sua relação com seus filhos. Assim como, a televisão e a

internet assumem o lugar da família no dia a dia, “cuidando” assim das crianças por meio de programas como novelas, desenhos animados e similar. O autor reitera que a civilização hodierna vive um difuso mal-estar, aparecendo sob o fenômeno do descuido, da falta de atenção e do abandono, isto é, da falta de cuidado.

Neste aspecto de cuidar e dar atenção, cabe ressaltar a importância que o autor confere às mães que irradiam cuidado de maneira privilegiada, por serem fundamentais na vida do indivíduo. Sendo assim, as educadoras e os educadores que se devotam ao crescimento humano, mental e espiritual dos educandos, as enfermeiras que cuidam dos seus doentes e tantas outras pessoas que anonimamente se desvelam no cuidado de alguém representam também o modo de ser mãe.

O cuidado faz surgir o ser humano complexo, sensível, solidário, cordial, conectado com tudo e com todos. O cuidado vive do amor primordial, da ternura, da carícia, da compaixão, da convivialidade, da medida justa em todas as coisas. Sem cuidado, o ser humano, como um tamagochi, definha e morre. E por nos comprometermos responsabilmente com o desenvolvimento integral das crianças, nos comprometemos também com o ato de cuidar. “[...]cuidar é mais que um ato; é uma atitude, portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo, de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro.(BOFF, 2008, p.33)”

Boff (2008) afirma que no cuidado encontra-se o *ethos* fundamental do humano. Isto quer dizer para ele, que no cuidado identificamos os princípios, os valores e as atitudes que fazem da vida um bem-viver e pelo fato de ser essencial, não pode ser suprimido nem ignorado. Portanto, os educadores precisam ter o olhar *ethos* do cuidado sobre os seus alunos, não ignorando suas necessidades emocionais, culturais e cognitivas, as quais são importantes na formação deles como humanos, como cidadãos. Não se preocupar com a humanização do indivíduo acaba sendo inviável no processo educativo. O autor anuncia também que, apesar da desumanização de grande parte da nossa cultura, a essência humana não se perdeu. Ela está aí na forma do cuidado, transferido para um aparelho eletrônico- tamagochi, em vez de ser investido nas pessoas concretas à nossa volta.

O referido autor declara que precisamos de um novo paradigma de convivência entre os povos, no sentido do respeito e da preservação de tudo o que existe e vive. Sem o cuidado que resgata a dignidade da humanidade condenada à exclusão, não se

inaugurará um novo paradigma de convivência. Boff (2008) afirma que o cuidado é o que permite a revolução da ternura, ao tornar prioritário o social sobre o individual e ao orientar o desenvolvimento para a melhoria da qualidade de vida dos humanos e de outros organismos vivos. Ele afirma que sem o cuidado que resgata a dignidade da humanidade condenada à exclusão, não se inaugurará um novo paradigma de convivência, pois “o cuidado salvará a vida, fará justiça ao desenvolvimento e resgatará a Terra como pátria e matéria de todos(BOFF,2008,p.191) ”

Hoje, na visão de Boff(2008), o projeto humano está em crise, sentimos a falta clamorosa de cuidado em toda a parte. As suas ressonâncias negativas evidenciam-se pela má qualidade da vida, pela penalização da maioria empobrecida da humanidade, pela degradação ecológica, pela exaltação exacerbada da violência e pelo descuido e uma falta de atenção pela vida inocente de crianças.

O autor ainda denuncia que há um descuido e um abandono dos sonhos de generosidade e solidariedade e; também, um descaso pela dimensão espiritual do ser humano e de gentileza, havendo uma preocupação mais com os aspectos materiais. Isso tudo agravado pela forma de produção e organização social fundada sob o capitalismo e propagada pela globalização através do neoliberalismo.

Isto já seria suficiente para existir os aspectos do cuidado. Porém, não só na sociedade e na escola é necessária uma atenção adequada com o cuidar na educação, principalmente, no ensino fundamental..

Pesquisando no banco de dados do site Scielo, encontramos 15 artigos que enfocam o tema cuidado em diferentes visões, sendo um em espanhol. Pesquisa essa realizada no dia 11 de janeiro de 2009. A lista com os trabalhos pesquisados encontra-se no anexo 1 deste trabalho.

Muitos deles foram escritos por pessoas da área da saúde. Dentre esses artigos, apenas um artigo é escrito por alguém da área da educação; três por alguém da área de psicologia; um da filosofia e; onze por pessoas da área da saúde, sendo um com formação antropológica e um social. O que nos leva a crer que pouca atenção acadêmica tem sido dada a questão do cuidado na educação, principalmente no ensino fundamental.

O cuidado na legislação

O art. 3º título I da lei 8069, de 13 de julho de 1990 – Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA afirma que a criança goza de todos os direitos fundamentais

inerentes à pessoa humana, facultando-lhe o direito ao desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, a alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, a cultura, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (ECA, 2005, p 13)

Como partes integrantes da sociedade devemos assegurar às crianças tais direitos apresentados no referido artigo do ECA. Quando asseguramos esses direitos aos nossos alunos também estamos cuidando deles, pois o ato de educar não nos anula como cidadãos e como responsáveis pelo desenvolvimento das crianças, independentemente delas serem pequenas ou um pouco maiores, isto é, se somos professores de educação infantil ou do primeiro segmento do ensino fundamental.

No Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil- RECNEI volume 1, encontramos a afirmação sobre educar que significa propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens de forma integrada, contribuindo para o desenvolvimento das capacidades infantis.

O ato de educar está presente não só na educação infantil, mas também no primeiro segmento do ensino fundamental, assim como em todo processo educativo. Logo, o cuidado também está inserido à prática educativa.

No mesmo volume do referido RCNEI, afirma-se que a base do cuidado humano é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano. Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. Nesse sentido, “O desenvolvimento integral depende tanto dos cuidados relacionais, que envolvem a dimensão afetiva e dos cuidados com os aspectos biológicos do corpo, como a qualidade da alimentação e dos cuidados com a saúde (RCNEI, vol 1, p 24)”. Não há como educar sem levar em conta todas essas dimensões.

Também, afirma o RECNEI (vol.1, p.25) que o cuidado precisa considerar, principalmente, as necessidades das crianças, que quando observadas, ouvidas e respeitadas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo. A criança do ensino fundamental também revela muito do que acontece em sua casa, no meio da sua família, quando é observada e ouvida. E esses “acontecimentos” são muitas vezes decisivos em seu processo educativo.

Por isso, para cuidar é preciso antes de tudo estar comprometido com o outro, com sua singularidade, ser solidário com suas necessidades, confiando em suas capacidades. Disso depende a construção de um vínculo entre quem cuida e quem é cuidado.

Cuidar da criança é, sobretudo dar atenção a ela como pessoa que está num contínuo crescimento e desenvolvimento, compreendendo sua singularidade, identificando e respondendo às suas necessidades. Isto inclui interessar-se sobre o que a criança sente, pensa, o que ela sabe sobre si e sobre o mundo, visando a ampliação deste conhecimento e suas habilidades.

O cuidado com crianças em instituições escolares

Gomes (2006), fundamentando-se no Projeto “começando melhor” do Comitê de Desenvolvimento Integral da Primeira Infância (CODIPI) ⁴, diz que na primeira infância as experiências e as interações com os pais, os membros da família e outros adultos, ou seja, a interação e experiências vividas com quem cuida dessa criança, influenciam a maneira como a mente de uma criança se desenvolve. Influenciam a formação da sua auto-estima, de senso de moralidade, responsabilidade e empatia, de aprendizado, de relacionamento social, as crenças e valores culturalmente determinados, entre outros aspectos de sua personalidade. Através de aprovações, censuras, lições de moral, elogios, prêmios dentre outros comportamentos.

E acrescenta que essas influências, sutis e refinadas, ocorrem de forma quase natural, constituindo a incorporação dos habitus primários (aprendizado que ocorre desde os primeiros momentos de vida e talvez até antes do nascimento).

Quando a criança entra na escola, essas influências já foram incorporadas ao habitus primários. Aí, os habitus primários servirão de base à recepção e inculcação da mensagem pedagógica institucional ou escolar. Esta, se incorporada, mesmo que parcialmente, constituirá os habitus secundários, os quais estarão no princípio da percepção e da apreciação das demais experiências do indivíduo.

⁴ De acordo com o Decreto de 27 de dezembro de 2000 o Comitê para o Desenvolvimento Integral da Primeira Infância, tem o objetivo de articular, coordenar e supervisionar as ações das políticas públicas federais voltadas para o desenvolvimento da primeira infância.

Sabemos que em nossa sociedade normalmente, e culturalmente, cuidar de crianças é uma tarefa desenvolvida por mulheres e no ambiente familiar, geralmente pela mãe. Porém, com as mudanças ocorridas em nossa sociedade e no ambiente familiar com a inserção da mulher no mercado de trabalho, essa tarefa de cuidar acabou sendo transferida para a escola. Com isso, muitas vezes a professora ou educadora ocupa o lugar anteriormente ocupado pela mãe, ou pela figura feminina da família.

Então, nós, professores dos anos iniciais do ensino fundamental, estaremos contribuindo para a formação dos *habitus secundários*.

Verissimo e Fonseca (2003), enfermeiras e pesquisadoras, investigaram as representações de trabalhadoras de creches acerca do cuidado da criança, em três creches de uma universidade pública, em São Paulo – SP.

Nessa pesquisa constaram que: o cuidado é uma função subsidiária e de apoio ao papel educativo; que educar e criar são coisas indissociáveis – quando eu cuido eu estou educando, quando eu educo, eu cuido e; nas falas das educadoras o cuidado aparece com caráter afetivo (como acolher a criança na fase de adaptação), abrangendo também a auto-estima, a autonomia, e a individualização do cuidado (por exemplo, comemorar o aniversário de uma das crianças, e perceber as preferências de cada um).

Normalmente, quando falamos em cuidado, tanto na educação infantil quanto no ensino fundamental, percebemos certo tom de preconceito por parte dos professores. Como se cuidar fosse uma tarefa menor, menos importante e extremamente manual. Ou ainda, não é reconhecida socialmente como uma forma de trabalho (MLÓR apud VERISSIMO; FONSECA, 2003). Coisa que pode ser historicamente compreendido pela existência das auxiliares que executam esses cuidados.

Enfim, é comum pensar, na área da educação, que cuidar e educar são tarefas isoladas, desenvolvida por pessoas diferentes. Porém, Leonardo Boff (apud VERISSIMO; FONSECA, 2003), nos faz pensar que cuidar e educar são tarefas que andam unidas, pois "o cuidado entra na natureza e na constituição do ser humano", ou seja, o cuidado educa.

As autoras Trevizan, Mendes e Melo (2003), demonstram em seu artigo uma preocupação pertinente com o cuidado na área da enfermagem como uma forma de humanizar a profissão. Para fundamentarem sua tese, elas buscaram inspiração, também, em Leonardo Boff. E essas reflexões se tornam também pertinente na área da educação.

Para elas, quando se considera o cuidado na visão de Boff, a relação entre as pessoas se torna uma relação entre sujeitos, baseada na convivência, interação e comunhão. Assim, a relação profissional se torna uma atitude de ocupação, preocupação, responsabilidade e compromisso afetivo com o outro. E essa postura, também é conveniente para professores, que lidam diretamente com a formação e educação de pessoas.

Trevizan, Mendes e Melo (2003), ainda acrescentam que a ternura e a carícia devem fazer parte desse sentimento de cuidado: a ternura emerge quando o sujeito se descentra de si mesmo e vai em direção do outro, participando de sua existência e sua história; e a carícia é uma consequência e, também, expressão do cuidado e do afeto, e está intimamente relacionada ao respeito ao outro e ao sentimento de querer bem.

Concluindo, elas apontam que é necessário o uso combinado da razão e do coração, no exercício da profissão. Aí o coração representa o amor, que é portador da união e da solidariedade, se traduzindo numa forma de reconhecer e interagir com o outro.

O cuidado na sexualidade

Gomes (2006) descreveu num artigo sua pesquisa que objetivou investigar como se constrói o feminino e o masculino no processo de cuidar de crianças em uma pré-escola da periferia do município de Rio Grande - RS.

Ao se falar de questões de gênero, é importante ressaltar que não se trata dos aspectos biológicos, mas do aspecto sociocultural de sua construção.

Ela ainda ressalta que é o ambiente familiar que tem o papel mais relevante na reprodução da dominação masculina, pois é no ambiente familiar que a criança, desde a mais tenra idade, vai interiorizando a divisão sexual do trabalho e, conseqüentemente, os estereótipos vão sendo inculcados sob a forma de *habitus* primários.

Segundo ela, a escola, reforça esse estereótipo patriarcal, com estrutura hierárquica onde o homem representa papel ativo e a mulher um papel passivo.

Historicamente, vemos uma diferenciação bem acentuada entre masculino e feminino nas escolas, quando existiam escolas femininas produzindo jovens prendadas e, escolas masculinas ensinando ofícios e profissionalizando. Segundo Gomes (2006), as marcas da escolarização se inscreviam, assim, nos corpos dos sujeitos, que através de uma simples observação facilmente se percebia quando uma jovem foi normalista, ou

que um rapaz cursou o colégio militar, ou que outro estudou num seminário. Atualmente, ainda percebemos essas marcas, pois se tornaram habitus, e continuam a serem produzidas e reproduzidas como uma naturalização da diferença entre homens e mulheres.

Em sua pesquisa, Gomes (2006) observou que o tratamento dado as crianças dos diferentes gêneros era igual, a primeira vista, no desenvolvimento das atividades de rotina. Mas, sob olhar mais atento ou quando questionadas as educadoras sobre o cuidado de meninos e meninas, elas expressavam diferenças significativas como a convicção de que meninos e meninas são biologicamente diferentes, apresentando atributos socialmente construídos para confirmar sua afirmação. Uma das cuidadoras se justifica com um discurso bastante conhecido e reproduzido por nós professores, considerando que os meninos são mais agitados e as meninas mais concentradas e meigas.

Tais diferenças de gêneros são mais facilmente observadas nas brincadeiras, e, muitas vezes, também sofrem intervenções de adultos ou de crianças nessa atividade. Baseando-se nas diferenciações entre brincadeiras de menino e de meninas, ou, em outras palavras, disciplinando os corpos.

Quando a criança chega ao ensino fundamental essas diferenças e preconceitos já estão inculcadas nelas, por isso, se torna mais difícil trabalhar, ou cuidar, dessas questões de gênero. Porém, não podemos fingir que somos neutros com relação a isso, pois, mesmo que não haja intenção, estamos contribuindo para a formação do habitus secundário, conforme já foi mencionado acima.

O cuidado e a cultura na instituição escolar

Dentro das escolas num aspecto geral fala-se muito em valorizar, respeitar a cultura do aluno, ou seja, levar em conta sua cultura, sua posição social, para que o educador realize sua prática pedagógica coerente a realidade de seus discentes.

Paulo Freire (1996, p. 46) em *Pedagogia da Autonomia* destaca uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica: propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ensaiam a experiência profunda de assumir-se. “Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto”. O autor ainda reitera que a assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. Foucault (apud MIRANDA, 1996, p. 33), reafirma essa

ideia apresentada por Freire, colocando sujeito e objeto num campo de relações onde são formados e transformados mutuamente.

No processo de ensino-aprendizagem em que professor e aluno estão inseridos, o ato de cuidar\educar deixa de ser simplesmente pedagógico por si só. Mas também um fator cultural. Para relacionar-se com o educando, como já foi mencionado, é necessário conhecer a sua realidade e passar a ter o olhar de quem como está também inserido nessa realidade, nessa cultura, nessa sociedade. Muitas vezes é necessário o professor abrir mão de preconceitos e transformar-se junto com os alunos. Em uma sala de aula o aluno não é somente o objeto, mas também sujeito da ação, assim como o professor não é somente sujeito, mas também objeto.

Freire (1996) completo que a questão da identidade cultural, é problema que não pode ser desprezado.

Nesse sentido, cuidar também significa compreender que a condição social da criança interfere na sua dependência em relação ao adulto e saber que cada criança é única a partir das relações que se estabelecem. Cuidar também significa respeitar e\ou valorizar a cultura do aluno.

O que seria então cultura?

Ketzer (2003) apresenta o conceito de cultura assumido pelo autor Roberto Da Matta, que distingue cultura de erudição. Para ele cultura trata-se de uma condição inerente a todo ser vivo que, com suas experiências, produz significados individual e coletivamente no conjunto de atores sociais de seu tempo.

“A criança é também alguém profundamente enraizada em um tempo e um espaço, alguém que interage com estas categorias, que influencia o meio onde vive e é influenciado por ele (PERROTTI, 1990, p. 12)”.

E é pensando nesse aspecto cultural que estendemo-lo a ideia de cuidar. Não há como educar e cuidar sem considerar a cultura do aluno, sem compreender o seu espaço, a sua idade, seus pensamentos...

Para Perrotti (1990) a criança não é um simples organismo em mudança, não é apenas uma quantidade de anos, mas algo bem mais completo e complexo. Quando pensamos na criança como um ser completo e complexo, compreendemos a sua cultura como criança, isto é, a cultura infantil.

Perrotti (1990) chama a atenção para o fato de que nunca, salvo algumas exceções, se pensou na criança como ser portador de uma cultura própria viva, definida nos grupos infantis, e que é o do maior valor e significado. Pensamos sempre na criança recebendo cultura e nunca na criança fazendo cultura, ou, na criança recebendo e fazendo cultura ao mesmo tempo.

Felizmente na atualidade Kramer (2006) afirma que crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são nela produzidas. Segundo ela, a cultura infantil é, pois produção e criação onde reside o potencial da brincadeira, entendida com experiência de cultura.

Para nós educadores, entendemos que as crianças são “novas”, mas também são sujeitos sociais aos quais são assegurados direitos e deveres, garantindo, assim o cuidado.

3- OS OLHARES SOBRE O CUIDAR

RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo foi feita com três públicos alvos que estão diretamente ligados com o cuidado na instituição educacional escolhida: a Escola Municipal Rotariano Arthur Silva, no município de Mesquita – RJ. Os públicos pesquisados foram professores dos três anos do ciclo de alfabetização, alguns responsáveis e alguns alunos matriculados nessas turmas, sendo os dois últimos públicos em regime de amostragem.

A seguir, descrevemos os resultados obtidos através dos questionários respondidos pelos professores, pelos responsáveis dos alunos e as transcrições das rodas de conversa realizada com os alunos com sua análise.

3.1 O cuidado sob o olhar dos professores

Entregamos os questionários a nove professoras que lecionam nos três primeiros anos do ciclo de alfabetização do Ensino Fundamental na unidade escolar em que trabalhamos, e somente seis desses questionários foram respondidos.

Inicialmente perguntamos às professoras como se relacionam com os seus alunos e como percebem a relação entre os mesmos. Quanto a essa primeira pergunta a maioria respondeu que a sua relação com os alunos se dá de forma amistosa, porém, há algumas especificidades em cada relacionamento:

“Procuro interagir com os alunos que não se adaptam às regras” (Denise)

“... envolvendo carinho e afeição” (Monique)

“sinto-me responsável por tarefas que são dos pais dos alunos.” (Cristina)

“... respeitosa e recíproca.” (Renata)

“... sem grandes atritos.” (Elaine)

“Procuro ser o mais justa possível e manter um relacionamento amistoso.” (Cristiane)

Quanto à relação entre os alunos somente a professora Cristina não respondeu. As demais deram as seguintes respostas:

“... se organizam em grupo de acordo com as preferências, tendo algumas exceções que não se adaptam às regras.” (Denise)

“Há muito carinho entre os alunos, pois estão com a mesma professora desde o ano anterior.” (Monique)

“Amistosa, respeitosa e recíproca.” (Renata)

“Há falta de respeito e tolerância embora se considerem amigos.” (Elaine)

“Acho legal a solidariedade que existe entre eles no sentido de compartilhar os objetos e na cooperação de um modo geral.” (Cristiane)

Ao perguntarmos de quem é a tarefa de cuidar todas responderam unanimemente que compete à família. A seguir seguem-se as justificativas:

“... em função primordial.” (Denise)

“... mas se a criança necessitar de um cuidado inesperado e/ou durante o momento em que estiver na instituição escolar, a criança deverá ser atendida diante das possibilidades, como se machucar, passar mal...” (Monique)

“... e na falta desta compete ao Estado.” (Renata)

“... e a escola e a sociedade complementam.” (Elaine)

“... pois o cuidado que vem dela não pode ser substituído por nenhum outro, porém, a escola também tem parte num outro tipo de cuidar.” (Cristiane)

Quando perguntamos o que elas entendem por cuidar, obtivemos as seguintes respostas:

“Responsável pelo bem estar do individuo em todos os seus aspectos social, físico e psíquico.” (Denise)

“Tratar de necessidades básicas (banho, alimentação e etc.) e demonstrar preocupação pelo bem pessoal alheio. Ex: saúde “(Monique)

“Dar condições de uma vida saudável, segura, com princípios e valores que os levem a serem cidadãos conscientes.” (Cristina)

“Alimentar, ensinar hábitos de higiene, zelar pela saúde e educação domestica.” (Renata)

“Zelar pela integridade física e mental, orientando e Educando para a vida em sociedade.” (Elaine)

“Zelar pela integridade física, material, emocional e intelectual de alguém que em algum momento não está pronto ou em condições de fazer por si mesmo.” (Cristiane)

Perguntamos se a escola tem o papel de cuidar das crianças e como o mesmo ocorre. As professoras afirmaram que a instituição escolar tem essa responsabilidade, justificando da seguinte maneira:

“Em parceria com a família, numa parcela menor de responsabilidade, a escola deve ser responsável pela integridade do aluno no horário em que está nela.” (Denise)

“A escola tem tomado frente dos acontecimentos pessoais dos alunos.” (Monique)

“Complementar sua capacidade de desenvolvimento na aprendizagem, torná-lo cidadão crítico e capaz de resolver situações do dia-a-dia.” (Cristina)

“Como a família não cuida, a escola acaba assumindo outros papéis como cuidar da higiene, ensinar a falar, a comer e etc.” (Renata)

“Apenas a escola tem assumido a responsabilidade de cuidar, oferecendo alimentação, vestuário, educação moral e ética e assistência médica em alguns casos.” (Elaine)

“Sim, porem na parte que cabe a ela cuidar. Na formação cognitiva e intelectual e por consequência do emocional e na formação de consciência social.” (Cristiane)

Perguntamos se já observaram algum exemplo de cuidado dentro da escola. Todas responderam que sim:

“Quando a criança necessita de cuidados especiais e a professora notifica e mobiliza a equipe pedagógica para ajudar o aluno.” (Denise)

“O aluno com diarreia sujou as roupas e pernas. Foi necessário providenciar roupas, sabonete e toalha.” (Monique)

“Cuidados especiais com os alunos que apresentam maiores dificuldades na aprendizagem.” (Cristina)

“Catar piolhos em alunos.” (Renata)

“Acho que todas as vezes que vi algum colega orientando um aluno sobre como conviver com outro ou aconselhando depois de uma briga com um colega, é um ato de cuidar.” (Cristiane)

Sobre a questão anterior, a Professora Elaine citou um fato ocorrido na creche onde trabalha em outro turno. Achamos incoerente narrá-lo já que a presente pesquisa está voltada para os três primeiros anos do ensino fundamental e o fato refere-se à educação infantil.

Perguntamos também se as educadoras já observaram no espaço escolar algum caso em que não houve o cuidado necessário com os alunos. A Professora Denise não respondeu e a Professora Monique disse não recordar de nenhuma situação.

“Aprovação automática. O aluno caminha para uma nova etapa sem ter se desenvolvido de forma necessária.” (Cristina)

“Descaso com a limpeza e conservação do mobiliário que se desmancha em pedaços e muitas vezes machucam e arranham os alunos.” (Renata)

“A escola não realiza nenhum trabalho específico com os alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem e distúrbios de comportamentos.” (Elaine)

“Todas as vezes que uma criança está com dificuldades de aprendizagem e a escola e autoridades não fizeram ou não fazem nada realmente eficaz para solucionar o problema. Deixou de acontecer o principal cuidado que cabe a escola.” (Cristiane)

As professoras apresentaram as seguintes concepções sobre o papel da família em relação ao cuidado:

“papel primordial, não só de alimentar, mas principalmente educar.” (Denise)

“Obrigação. Garantir condições satisfatórias de desenvolvimento físico, psíquico e cognitivo, promovendo demonstrações de carinho e preocupação com saúde.” (Monique)

“Cuidar da criança como um ser completo, dedicando-se ao acompanhamento do seu desenvolvimento escolar e social.” (Cristina)

“Se preocupa basicamente em dar banho e alimentar; algumas (mães) ajudam com as atividades escolares. Poucas se preocupam com a formação do caráter.” (Renata)

“Oferecer educação, acompanhando e participando da vida escolar; deve educar, orientar, estar e ser presente, além de zelar pela saúde e integridade física e mental.” (Elaine)

“Zelar pelo físico, emocional, material e até o intelectual dos seus membros.” (Cristiane)

As professoras responderam em maioria que consideram o cuidado importante na infância. A seguir seguem-se as justificativas:

“Fase em que estão em formação a personalidade, a estrutura física, etc.” (Denise)

“... pois as crianças ainda não apresentam condições de se ampararem sozinhas.” (Monique)

“De 0 aos 18 anos. Período em que a criança nasce, inicia a sua vida na sociedade que se torna cidadão consciente de seus atos e de suas responsabilidades.”(Cristina)

“Primeira infância, pois é quando a criança mais necessita.” (Renata)

“Em todas, principalmente na infância e adolescência, pois neste período a personalidade e o caráter do indivíduo estão sendo formados.” (Elaine)

“Em todas. Porque em todas as fases da vida. De uma forma ou de outra aprendemos com alguém.” (Cristiane)

Consideramos coerente e importante para a nossa pesquisa tomarmos conhecimento um pouco da prática em sala de aula de nossas colegas. Para tanto, perguntamos se as mesmas visam à humanização dos alunos ou valorizam mais o material (concreto):

“Viso o conteúdo, porém, sem deixar de lado a fala do aluno” (Denise)

“Enquanto o material e conteúdos são trabalhados em sala, a formação humana dos alunos acontece nas intervenções e relações com colegas e professor.” (Monique)

“Levar o aluno a ter noção dos seus direitos e deveres e o que lhe dê condições de ter um bom desenvolvimento na aprendizagem, sendo capaz de resolver situações problemas do dia-a-dia.” (Cristina)

“Mesclo o trabalho com valores e conteúdos, mas priorizo a alfabetização.” (Renata)

“Os dois (humanização e conteúdos). O primeiro é fundamental para a formação dos alunos. O segundo necessário na formação acadêmica.” (Elaine)

“Não tenho duvida de que me preocupo muito com a humanização. E hoje com a desestruturação familiar acho que não nos resta alternativa, porem temos que ter muito cuidado para que o papel principal da escola não se perca. Os alunos precisam ter acesso ao saber. Converso muito com meus alunos sobre a vida e nunca falta em minha sala os momentos de reflexão.”(Cristiane)

Por fim perguntamos as nossas colegas se consideram importantes na formação de seus alunos e em quais aspectos:

“Sim. Aspectos cognitivos- direcionando na conquista do saber e sócio afetivo-interagindo com os alunos numa relação de troca.” (Denise)

“Sim. Auxilio na aquisição e produção de conhecimentos e cultura e como exemplo por ser um referencial de adulto na instituição.” (Monique)

“Mostrar como viver em sociedade, dando-lhe capacidade de interagir com a mesma através de seu conhecimento.” (Cristina)

“Além de conhecimentos, valores. O professor é sempre um modelo.” (Renata)

“Na formação acadêmica e como cidadãos. O professor é um exemplo.” (Elaine)

“Sim. Professor sempre vai ser referencia... nos aspectos de ensinar regras de convivência e principalmente no carinho e dentro do possível no ouvir o que as crianças têm para dizer.” (Cristiane)

Ao analisarmos os questionários respondidos por essas professoras, percebemos que todas têm um relacionamento amistoso com seus alunos e revelam respeito e carinho pelos mesmos. Com exceção da professora Cristina que revelou seu sentimento de responsabilidade pelos educandos em situações que “não dizem respeito” ao professor de uma forma direta, mas sim à família. Em ambas as situações, notamos que tais profissionais questionadas apresentam em seus relacionamentos com os alunos o cuidado que têm por eles.

A maioria delas tem conscientemente ou inconscientemente a idéia de cuidado compreendido como um processo de humanização citado por Boff. As referidas docentes responderam que cuidar é ser responsável pelo indivíduo em seus diferentes aspectos, demonstrar preocupação pelo bem pessoal alheio, dar condições de uma vida saudável, segura com princípios e valores e zelar pela integridade física (hábitos de higiene, alimentação, etc.).

De acordo com essa concepção de cuidado citado por Boff, a escola foi analisada como um espaço que também tem o papel de cuidar das crianças. É evidente que essa função recai sobre a mesma em parceria com a família numa parcela menor de responsabilidade como afirmou a professora Denise. Porém, a escola, como foi respondido ao questionário, tem assumido responsabilidades que antes competia à família em primeiro lugar, tendo que tomar à frente desta para zelar pelo bem estar do aluno. Pois, como as professoras responderam, o papel da família em relação ao cuidado “não é só alimentar, mas principalmente educar” (professora Denise), “garantindo condições satisfatórias de desenvolvimento físico, psíquico e cognitivo, promovendo demonstrações de carinho e preocupação com a saúde” (professora Monique), isto é, “cuidar da criança como um ser completo” (professora Cristina), assim como ajudar nas atividades escolares e formação do caráter.

Muitas vezes o professor assume postura de cuidar que a princípio cabe aos pais, como catar piolho citado pela professora Renata; providenciar roupas, toalha e sabonete a um aluno que passou mal na escola relatado pela professora Monique. Contudo, não é só esse cuidado físico que a escola tem apresentado, mas também, e principalmente, a preocupação com o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos.

A escola, referindo-se à E. M. Rotariano Arthur Silva, local onde foi realizada a presente pesquisa, deixa de demonstrar cuidado necessário em seu descaso com a limpeza do espaço físico, conservação do mobiliário, machucando e arranhando os alunos (professora Renata) e quando não realiza nenhum trabalho específico com os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem e distúrbios de comportamento (professora Elaine).

Tais professoras visam à humanização de seus alunos, transmitindo valores importantes à formação dos mesmos como cidadãos, tornando-os conscientes de seus direitos e deveres, junto à valorização do conteúdo.

Logo, podemos afirmar que o cuidado está presente nos três primeiros anos do Ensino Fundamental de acordo com as situações relatadas pelas professoras questionadas.

Junto à família ou não, quando esta não se faz presente e não cumpre com suas responsabilidades, a escola tem efetuado seu papel de cuidado, humanizando e formando seus alunos em cidadãos.

3.2. O que os responsáveis enxergam sobre o cuidado com as crianças

Os responsáveis questionados foram aqueles cujos filhos estão matriculados em duas turmas da mesma escola. Sendo, uma de primeiro ano do ciclo de alfabetização, do turno da tarde e, outra de terceiro ano do ciclo de alfabetização, do turno da manhã. Turmas essas regidas pelas professoras Silvana e Patricia, respectivamente.

Os questionários foram entregues a vinte alunos de cada uma das duas turmas, totalizando quarenta questionários. Porém, foram devolvidos somente oito questionários respondidos, os quais se encontram em poder das pesquisadoras.

Quando perguntamos o que eles entendem por cuidar as respostas foram diversas. Através dessas respostas podemos observar diferentes formas de pensar o cuidado.

Um responsável demonstra o pensamento sobre o cuidado mais próximo da forma mais primária, associando a higiene e alimentação: *“Cuidar da higiene física e mental de uma pessoa além de coisas materiais”* (Vick Teixeira)

Há aqueles que vêm o cuidado de forma mais ampla, ou seja, de forma mais humanizada de acordo com a visão de Leonardo Boff. Associando o cuidado à moral, a transmissão de valores e ao respeito:

“Dar atenção, respeito, carinho, corrigir quando tem algo errado.” (Suely Maria)

“Ensinar os valores corretos. É necessário ensinar o significado do respeito, companheirismo e solidariedade” (Isabel Cristina)

“Cuidar, educar, ensinar, compreender e ensinar o melhor para os filhos fazendo com que eles possam ter um grande caráter no futuro” (Maria Cláudia)

“É ensinar ao filho o que é certo e errado e ensiná-los a fazer coisas boas.” (Angélica)

Alguns responsáveis vêm a questão da afetividade como uma das diversas formas de cuidar, conforme revelam as falas abaixo:

“Proteger, está sempre por perto, acompanhar o dia a dia das crianças, dar carinho, atenção e acima de tudo muito amor” (Jorge Luís)

“Cuidar é zelar por aquilo que gostamos e amamos. Quem ama cuida” . (Marilene)

Analisando tais respostas, constatamos que, quanto à tarefa de cuidar, todos os responsáveis afirmaram que compete à família em primeiro lugar e à escola quando as crianças estão na mesma. Ou seja, eles enxergam o cuidado como tarefa da família. Compreendendo que o cuidado está mais voltado para o cuidado físico (como higiene e alimentação) e moral (que são valores e respeito).

Ao perguntarmos se a escola tem o papel de cuidar, a maioria respondeu que sim, porém, um dos responsáveis respondeu que não, pois para ela o papel de cuidar das crianças compete apenas aos pais.

Para a maioria dos responsáveis a escola fica responsável principalmente pelo cuidado mais formal: *“Prepará-los para o futuro para que o aluno se torne um ótimo profissional”* (Suely Maria) Para eles, a escola deve cuidar de seus filhos da seguinte maneira:

“Conscientizar as crianças junto aos pais sobre a violência que existe hoje”
(Angélica)

“No ensinar e montar uma grande educação e ensino para as crianças.” (Maria Cláudia)

Entendemos, então, que a escola para eles não tem obrigação de cuidar de forma primária, mas de complementar a educação que eles dão em casa. Além de, é claro, cuidar da parte intelectual ou cognitiva.

Também percebemos que eles observavam como os professores tratam os alunos dando atenção e os cuidados necessários em determinadas situações e quando os professores não revelam a mesma iniciativa.

Perguntamos se eles já observaram uma situação de cuidado no espaço escolar e descreveram:

“[...] professores que dão atenção às crianças, compreendendo quando os pais trabalham e quase não tem tempo para cuidar dos filhos.” (Vick Teixeira)

“Cuidados com a educação, com alimentação, com respeito e atenção, principalmente com as crianças menores” (Cristina)

“Zelo pelos menores (primeiro ao terceiro ano), com alimentação e de orientação.” (Isabel Cristina)

Contudo afirmaram que não observaram o cuidado necessário nas seguintes situações:

“Alunos que brigam, batem e xingam os outros colegas e alguns professores fingem não ver” (Vick Teixeira)

“Lembro-me de um menino que morreu arrastado pela enchente ao sair da escola.” (Marilene) – referindo-se ao fato ocorrido com um aluno do município de Nova Iguaçu, em outubro de 2007, quando houve um grande temporal no Rio de Janeiro que alagou várias cidades da Baixada Fluminense, inclusive Mesquita.

“[...] ver os alunos do quarto ao nono ano sem saber ler, escrever corretamente e ver pelo meu entendimento o descaso, isto é, não colocá-los em aulas de reforço necessárias. Tem alunos que são ignorados pelos professores por serem problemáticos ou por terem dificuldades de aprendizagem. A escola em geral poderia melhorar a qualidade do ensino” (Isabel Cristina)

Nessas falas podemos perceber que, mesmo anteriormente afirmando que a tarefa de cuidar de forma primária, como cuidar da integridade física da criança, não

seja tarefa da escola e sim da família, esse tipo de cuidado é sim cobrado como competência da escola e dos profissionais que nela trabalham.

3.3. Rodas de criança e de conversa

Para detectar como o cuidado na fase da infância vem sendo desenvolvido pela família e pela escola, utilizamos o depoimento dos próprios alunos matriculados em duas turmas da Escola Municipal Rotariano Arthur Silva, sendo uma de primeiro ano e a outra de terceiro ano, ambas do ciclo de alfabetização.

Esses depoimentos foram obtidos através de rodas de, gravadas e depois transcritas (a transcrição pode ser consultada no anexo do final deste trabalho). Na transcrição das falas das crianças, seus nomes foram substituídos por letras iniciais, para garantir o anonimato das mesmas, já que não foi possível obter a autorização de todos os responsáveis pelas crianças matriculadas nessas turmas.

Na turma de primeiro ano do ciclo de alfabetização, composta de crianças de 6 a 7 anos de idade, a roda de conversa foi desenvolvida em dois momentos, ou melhor, em dois dias consecutivos. Isso porque, crianças nessa faixa etária costumam ter um menor tempo de concentração que as crianças mais velhas. Isso pode ser percebido claramente nas transcrições das rodas de leitura.

Essa turma é formada por 23 alunos e é regida pela professora Silvana Almeida dos Santos, uma das autoras dessa pesquisa, no turno da tarde. As rodas de conversa foram realizadas nos dias 9 e 10 de junho de 2009.

No primeiro dia, foi solicitado às crianças que desenhassem em um papel ofício quem costuma cuidar delas o fazendo. Em seguida, sentaram-se todos em círculo, formando uma roda, onde cada um pode mostrar o seu desenho e explicá-lo. Nesse momento o professor aproveitou para interferir fazendo algumas perguntas e esclarecimento quando achou necessário.

No segundo dia, a professora procedeu de forma diferente. Fez perguntas abertas para quem se sentisse a vontade responder. Combinando previamente que, quem quisesse falar, deveria levantar o dedo e esperar a sua vez de falar, com o objetivo de tentar manter a organização na roda de conversa.

Na turma de terceiro ano do ciclo de alfabetização a roda de conversa foi desenvolvida da mesma forma como ocorreu no segundo dia da turma de primeiro ano.

A turma do terceiro ano é regida pela professora Patricia Keli Pereira Reis dos Santos e é composta por 22 alunos entre 08 a 10 anos de idade.

Nem todos os alunos expuseram suas opiniões, pois alguns são inibidos e não gostam de falar durante a roda de conversa.

Através das falas das crianças, percebemos que muitas delas enxergam o cuidado de acordo com a concepção que Leonardo Boff chama de primária. Que é aquela onde cuidar significa zelar pela higiene e alimentação. Percebemos isso ao perguntar como as pessoas cuidam deles e as respostas são semelhantes: me dá comida, me dá banho...

Também pensam que somente os pais, familiares ou parentes têm obrigação de cuidar deles, transferindo essa responsabilidade principalmente para a mãe.

No início as crianças apresentaram dificuldade de compreender que eles podem ser cuidados por outras pessoas e em outros ambientes que não seja em sua casa, como por exemplo, na escola.

A partir do debate, observaram que a professora e demais funcionários da escola (no caso do primeiro ano o tio Eduardo, que é dirigente de turno) cuidam deles. E esse cuidado não se restringe aos cuidados primários (com higiene e alimentação) eles cuidam da aprendizagem, do desenvolvimento e do comportamento.

E ainda, através da roda de conversa, puderam perceber que no dia a dia deles, mesmo sem perceber, eles mesmos cuidam do espaço onde estão inseridos (das suas casas e da escola) e também de outras pessoas (como de irmãos mais novos ou do bebê que está na barriga da professora).

Isso foi significativo para as turmas, pois perceberam que não só os outros são responsáveis por eles, mas, eles também são responsáveis por outras pessoas e pelo ambiente onde vivem, influenciando em sua dinâmica direta ou indiretamente.

Quando nos propomos a realizar a roda de conversa junto às crianças, o fizemos para saber como eles são cuidados em casa e na escola. E pudemos perceber que em casa:

- os cuidados muitas vezes se resumem em higiene e alimentação;
- alguns ajudam seus pais a cuidarem da casa e dos irmãos mais novos;
- geralmente a mãe está mais envolvida nessa tarefa do que os demais membros da família;

- uma aluna, apesar de não morar com o pai, acha que ele tem obrigação de cuidar dela e;

- são cuidados também quando ganham roupas e calçados novos, e quando são levados a pracinha para brincar ou para passear, por exemplo.

Na escola, o cuidado observado por eles confirma a fala dos responsáveis:

- os professores e funcionários da escola também cuidam dos alunos;

- os professores cuidam passando e ensinando o dever (cuidado com o cognitivo);

- os professores cuidam também do comportamento e da moral nos alunos;

- na escola eles também cuidam do espaço físico e de outras pessoas e;

- os alunos que têm irmãos na mesma unidade cuidam e são cuidados por eles quando não estão dentro da sala de aula.

Através dessa dinâmica, o que houve não foi apenas um diagnóstico, mas uma reorganização do pensamento sobre si, a família, a escola e o ambiente em que estão envolvidos, ampliando a noção de cuidado àquele defendido por nós e por Leonardo Boff: o cuidado humanizado, universal, o cuidado do mundo.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo geral problematizar e esclarecer quanto ao papel da escola fundamental no que diz respeito ao cuidar, partindo da visão que se tem na educação infantil, quando este assunto é abordado com mais frequência.

Muitos professores e/ou outros profissionais da educação acreditam que o cuidado dado às crianças nas creches se restringe ao cuidado primário como dar banho, alimentação, etc. Mas, como foi abordado por Guimarães (2008) esse cuidado vai além desses aspectos. É uma postura ética, preocupando-se com o outro como humano, como indivíduo, dotado de sentimentos, emoções...

E é nessa vertente, de cuidado como postura ética (GUIMARÃES, 2008) e humanístico (BOFF, 2008), que procuramos compreender o mesmo dentro da escola de ensino fundamental nos três primeiros anos, escolhida para a realização deste estudo. Os professores questionados revelaram estarem voltados para uma prática humanística, preocupando-se não só com o desenvolvimento cognitivo, mas também com a formação dos alunos como cidadãos, demonstrando afeto, carinho e atenção. Cuidar para eles é ser responsável pelo indivíduo, preocupando-se com o seu bem estar em diferentes aspectos.

Como educadores propomos o desenvolvimento integral dos alunos, e para tanto, é necessário considerar as dimensões afetiva, cognitiva, social e psicológica como Nascimento (2006) aborda em seu texto “A Infância na escola e na vida: uma relação fundamental”. Compreendemos que quando nos dispomos responsabilmente a tal tarefa, estamos cuidando dos nossos alunos, principalmente nos dias atuais, em uma realidade de escola pública, em especial, a escola em que realizamos a presente pesquisa.

Nessa escola, percebemos que muitas famílias, em geral, não revelam preocupações com o desenvolvimento integral das crianças, motivo este que vem incomodando os professores daquela unidade, pois, para estes, a família tem a obrigação de cuidar das crianças e às vezes não dá a atenção necessária aos seus filhos. No entanto, os responsáveis que responderam aos questionários têm consciência de que tal responsabilidade recai sobre si (e porque não cuidam?) e a escola existe como auxílio à educação de seus filhos, principalmente, quando aqueles trabalham e não podem comparecer à instituição escolar a fim de tomarem conhecimento do desenvolvimento

das crianças. Para esses responsáveis, o cuidar é entendido como educar, dar carinho, atenção, transmissão de valores e se preocupar com o futuro dos filhos. Os mesmos também compreendem que a escola cuida de seus filhos quando estão em período de aula.

Notamos, então, que família e professores, nesta pesquisa, têm a mesma concepção de cuidar, tratando-se da preocupação que ambos têm com o bem estar e a formação das crianças, mesmo que essas ações sejam vistas por pontos de vistas diferentes. Logo, para pais e professores a palavra cuidar está relacionada ao sentido original latino *curare* que significa *tratar de* e associado ao cuidado humanístico de (BOFF, 2008) e ético (GUIMARÃES,2008).

Como foi relatado no Capítulo 3, as crianças revelaram inicialmente um pouco de dificuldades em reconhecer que na escola alguém cuida delas, pois para elas, a família é quem tem o papel de cuidar. Porém, depois atentaram que a escola, dentre professores e demais funcionários, cuidam delas; preocupam-se com elas.

Com a ausência de muitas famílias na formação de seus filhos, a escola hoje, tem assumido o papel de orientar as crianças quanto a comportamentos, valores, relacionamentos, higiene, sexualidade e tantos outros temas que surgem em sala de aula e/ou de acordo com a realidade dos alunos. E ao explorarmos todos esses temas, estamos considerando todas as dimensões necessárias ao desenvolvimento integral do educando. E se nos propomos a tal desenvolvimento, estamos educando, e se estamos educando, estamos cuidando. Pois, como afirma Boff (2008) educar e cuidar andam unidos, são indissociáveis.

Questionamos, então, o motivo pelo qual o tema cuidado não é abordado pelos professores e equipe pedagógica dos três primeiros anos do ensino fundamental. Por que alguns professores consideram o cuidado como uma tarefa menor, se paradoxalmente estão a todo instante cuidando de seus alunos? Por que hesitam em declarar que cuidam, sim, das crianças? Talvez seja porque inconscientemente cuidar para eles é tarefa somente da família. Sim, o cuidar é obrigação dos responsáveis. Porém, quando estes não revelam preocupação com o desenvolvimento cognitivo de seus filhos, ignoram as necessidades emocionais, físicas, materiais e morais necessárias para a formação dos mesmos e/ou quando estão em período de aula na escola, o professor acaba assumindo a postura de educador; como aquele que se preocupa com o desenvolvimento integral de seus alunos.

Talvez, se há um ano perguntassem a cada uma de nós se cuidamos de nossos alunos, responderíamos que não, mas, hoje, ao concluir este trabalho, assumimos que os educamos e, indissociavelmente, cuidamos deles, fazendo-o de forma consciente. Este cuidar se revela na nossa prática diária ao nos preocuparmos com a integridade física e com a higiene das crianças, assim como, ao valorizarmos suas produções e ao demonstrarmos afeto e carinho aos mesmos.

Deixamos, assim, um direcionamento para futuros trabalhos sobre o cuidado no ensino fundamental, a fim de que muitos questionamentos que não foram esclarecidos, devido ao limite desta pesquisa, tratando-se de um trabalho monográfico, sejam discutidos e possam continuar auxiliando os profissionais de educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÉS, Philippe. Os dois sentimentos da infância In: *História social da família*. Rio de Janeiro: LCT, 1981

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Ministério da Educação Assessoria de Comunicação Social. Brasília: MEC, ACS, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília, 1998.

CANDIOTTO, Cesar. *Subjetividade e verdade no último Foucault*. *Trans/Form/Ação* [online]. 2008, vol. 31, no. 1, pp. 87-103. ISSN 0101-3173. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 11/01/2009.

CAVALCANTI, Margarida Tavares. *Sobre o "dizer verdadeiro" no espaço analítico*. *Ágora (Rio J.)* [online]. 2004, vol. 7, no. 1, pp. 55-72. ISSN 1516-1498. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 11/01/2009.

DALBOSCO, Cláudio Almir. *O cuidado como conceito articulador de uma nova relação entre filosofia e pedagogia*. *Educ. Soc.* [online]. 2006, vol. 27, no. 97, pp. 1113-1135. ISSN 0101-7330. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 11/01/2009.

FARIA, Sonimar Carvalho. História e Política de Educação Infantil. In: FAZOLO, E.; CARVALHO, M; KRAMER, S. (orgs). *Educação Infantil em curso*. Rio de Janeiro: Ravil, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FROTA, Mirna Albuquerque; ALBUQUERQUE, Conceição de Maria de e LINARD, Andrea Gomes. *Educação popular em saúde no cuidado à criança desnutrida. Texto contexto - enferm.* [online]. 2007, vol. 16, no. 2, pp. 246-253. ISSN 0104-0707. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 11/01/2009.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da cultura. (capítulo 1). In: *A interpretação das culturas*. 1989.

GELIS, Jacques. *A individualização da criança* In: CHARTIER, Roger (org.) *História da vida privada; 3: da renascença do século das luzes*. Tradução de Hildergard Feist. São Paulo: Cia da letras, 1991

GOMES, Vera Lúcia de Oliveira. *A construção do feminino e do masculino no processo de cuidar crianças em pré-escolas. Texto contexto - enferm.* [online]. 2006, vol. 15, no. 1, pp. 35-42. ISSN 0104-0707. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 11/01/2009.

GUIMARÃES, Daniela. *Relações entre adultos e crianças no berçário de uma creche pública na cidade do Rio de Janeiro: técnicas corporais, responsividade, cuidado*. 2008. Tese (doutorado em educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

KRAMER, Sonia. A infância e sua singularidade. In: *Ensino Fundamental de 9 anos – orientações para a inclusão de crianças de 6 anos de idade*. Brasília: MEC, 2006.

LÜDORF, Silvia Agatti. *Metodologia da pesquisa em Educação Física: conversando sobre a pesquisa e o projeto de monografia*. Rio de Janeiro: Edição da Autora, 2003.

MIRANDA, Luciana Lobo. Subjetividade: A (des)construção de um conceito. In: SOUZA; JOBIM, SOLANGE (org). *Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000.

NASCIMENTO, Anelise Monteiro do. A infância na escola e na vida: uma relação fundamental. In: *Ensino Fundamental de 9 anos – orientações para a inclusão de crianças de 6 anos de idade*. Brasília: MEC, 2006.

PERROTTI, Edmir. A criança e a produção cultural: apontamentos sobre o lugar da criança na cultura. In: ZILBERMAM, Regina (org). *A produção cultural para a criança*. 4 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

POSTMAN, Neil. *Quando não havia criador* In: O desaparecimento da infância. Rio de Janeiro: Graphia, 1999

RODRIGO, Jonas. *Estudo de caso: fundamentação teórica*. TRT 18ª Região – Tribunal Regional do Trabalho /Analista Judiciário – Área Administrativa. Brasília, DF: Vestcon editora Ltda, 2008. Disponível em: <<http://www.vestcon.com.br/ft/3116.pdf>> Acesso em: 23/06/2009.

SCIELO. Site de busca em banco de dados. www.scielo.br. Acesso em 11/01/2009

TREVIZAN, Maria Auxiliadora; MENDES, Isabel Amélia Costa e MELO, Marcia Regina Antonietto da Costa. *Al encuentro de la competencia del cuidado según Boff: una nueva perspectiva de conducta ética de la enfermera gerente*. *Rev. Latino-Am. Enfermagem* [online]. 2003, vol. 11, no. 5, pp. 652-657. ISSN 0104-1169. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 11/01/2009.

VERISSIMO, Maria De La Ó Ramallo e FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. Funções da creche segundo suas trabalhadoras: situando o cuidado da criança no contexto educativo. *Rev. esc. enferm. USP* [online]. 2003, vol. 37, no. 2, pp. 25-34. ISSN 0080-6234. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 11/01/2009.

ANEXO 1

BIBLIOGRAFIA DOS TRABALHOS PESQUISADOS NO SITE

<[HTTP://WWW.SCIELO.BR](http://www.scielo.br)> ,

REALIZADA NO DIA 11 DE JANEIRO DE 2009

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. Saúde soc. [online]. 2004, vol. 13, no. 3, pp. 16-29. ISSN 0104-1290. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 11/01/2009.

CANDIOTTO, Cesar. Subjetividade e verdade no último Foucault. Trans/Form/Ação [online]. 2008, vol. 31, no. 1, pp. 87-103. ISSN 0101-3173. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 11/01/2009.

CARVALHO, Alysson Massote. Fatores contextuais na emergência do comportamento de cuidado entre crianças. Psicol. Reflex. Crit. [online]. 2000, vol. 13, no. 1, pp. 81-88. ISSN 0102-7972. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 11/01/2009.

CAVALCANTI, Margarida Tavares. Sobre o "dizer verdadeiro" no espaço analítico. Ágora (Rio J.) [online]. 2004, vol. 7, no. 1, pp. 55-72. ISSN 1516-1498. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 11/01/2009.

CREPALDI, Maria Aparecida et al. A participação do pai nos cuidados da criança, segundo a concepção de mães. Psicol. estud. [online]. 2006, vol. 11, no. 3, pp. 579-587. ISSN 1413-7372. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 11/01/2009.

DALBOSCO, Cláudio Almir. O cuidado como conceito articulador de uma nova relação entre filosofia e pedagogia. Educ. Soc. [online]. 2006, vol. 27, no. 97, pp. 1113-1135. ISSN 0101-7330. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 11/01/2009.

FROTA, Mirna Albuquerque; ALBUQUERQUE, Conceição de Maria de e LINARD, Andrea Gomes. Educação popular em saúde no cuidado à criança desnutrida. Texto contexto - enferm. [online]. 2007, vol. 16, no. 2, pp. 246-253. ISSN 0104-0707. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 11/01/2009.

GOETZ, Everley Rosane e VIEIRA, Mauro Luis. Diferenças nas percepções de crianças sobre cuidado parental real e ideal quando pais vivem juntos ou separados. Psicol. Reflex. Crit. [online]. 2008, vol. 21, no. 1, pp. 83-90. ISSN 0102-7972. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 11/01/2009.

GOMES, Vera Lúcia de Oliveira. A construção do feminino e do masculino no processo de cuidar crianças em pré-escolas. Texto contexto - enferm. [online]. 2006, vol. 15, no. 1, pp. 35-42. ISSN 0104-0707. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 11/01/2009.

GRIPPO, Monica Lilia Vigna Silva e FRACOLLI, Lislaine Aparecida. Avaliação de uma cartilha educativa de promoção ao cuidado da criança a partir da percepção da família sobre temas de saúde e cidadania. Rev. esc. enferm. USP [online]. 2008, vol. 42, no. 3, pp. 430-436. ISSN 0080-6234. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 11/01/2009.

MARANHÃO, Damaris Gomes e SARTI, Cynthia Andersen. Cuidado compartilhado: negociações entre famílias e profissionais em uma creche. Interface (Botucatu) [online]. 2007, vol. 11, no. 22, pp. 257-270. ISSN 1414-3283. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 11/01/2009.

MARTIN, Viviane Barrére e ANGELO, Margareth. A organização familiar para o cuidado dos filhos: percepção das mães em uma comunidade de baixa renda. Rev. Latino-Am. Enfermagem [online]. 1999, vol. 7, no. 4, pp. 89-95. ISSN 0104-1169. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 11/01/2009.

MARTINEZ, Josefina Gallegos. Una joya preciosa: significado del cuidado del niño en México. Texto contexto - enferm. [online]. 2006, vol. 15, no. spe, pp. 146-151. ISSN 0104-0707. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 11/01/2009.

SANTOS, Lana Ermelina da Silva dos e FERRIANI, Maria das Graças Carvalho. A violência familiar no mundo da criança de creche e pré-escola. Rev. bras. enferm. [online]. 2007, vol. 60, no. 5, pp. 524-529. ISSN 0034-7167. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 11/01/2009

SCIELO. Site de busca em banco de dados. www.scielo.br. Acesso em 11/01/2009

TREVIZAN, Maria Auxiliadora; MENDES, Isabel Amélia Costa e MELO, Marcia Regina Antonietto da Costa. Al encuentro de la competencia del cuidado según Boff: una nueva perspectiva de conducta ética de la enfermera gerente. Rev. Latino-Am. Enfermagem [online]. 2003, vol. 11, no. 5, pp. 652-657. ISSN 0104-1169. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 11/01/2009.

VERISSIMO, Maria De La Ó Ramallo e FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. Funções da creche segundo suas trabalhadoras: situando o cuidado da criança no contexto educativo. Rev. esc. enferm. USP [online]. 2003, vol. 37, no. 2, pp. 25-34. ISSN 0080-6234. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 11/01/2009.

ANEXO 2

MODELOS DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS AOS PROFESSORES E RESPONSÁVEIS



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E SOCIEDADE

QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES

Este questionário é parte da pesquisa realizada pelas professoras Patricia Keli e Silvana dos Santos, através do Curso de Pós-Graduação Lato-Senso - "Desafios do cotidiano escolar: educação de crianças de 0 a 10 anos", ministrado pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/UFRRJ, Instituto Multidisciplinar de Nova Iguaçu/IM. Os dados obtidos na mesma farão parte das discussões e considerações em nosso trabalho monográfico de final de curso.

Nosso objetivo na pesquisa é de definir ou esclarecer o papel da escola e da família quanto ao cuidar, buscando compreender seus sentidos e em que condições esse papel vem sendo desempenhado pela escola e pela família.

Você poderá usar um nome fictício para o preenchimento deste questionário, garantindo assim que a sua identidade fique preservada e que as perguntas sejam respondidas o mais fielmente possível, expressando a sua forma de pensar e as experiências vividas por você em relação ao assunto.

Sinta-se à vontade para colaborar e responder as perguntas abaixo:

1. Como você percebe a relação entre os alunos e como você se relaciona com os mesmos?

2. Na sua visão, de quem é a tarefa de cuidar? (Justifique)

3. O que você entende por cuidar?

4. Há muitos anos atrás, a educação das crianças ficava a cargo apenas de suas famílias. Com o aparecimento das creches e escolas essa tarefa passou a ser dividida entre ambas: escola e família. Para você, a escola hoje tem o papel de cuidar das crianças? Como?

5. Se você vê a escola como um espaço onde o cuidado ocorre, descreva um exemplo já vivido ou observado por você. Descreva também uma situação em que não foi observado o cuidado necessário.

9. Você se considera importante na formação dos seus alunos? Em quais aspectos?

Autorizo a utilização das informações aqui prestadas na realização da pesquisa mencionada acima.

Nome fictício: _____

Mesquita, ____/____/ 2009.



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E SOCIEDADE

QUESTIONÁRIO PARA RESPONSÁVEIS

Este questionário é parte da pesquisa realizada pelas professoras Patricia Keli e Silvana dos Santos, através do Curso de Pós-Graduação Latu-Senso - "Desafios do cotidiano escolar: educação de crianças de 0 a 10 anos", ministrado pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/UFRuralRJ, Instituto Multidisciplinar de Nova Iguaçu/IM. Os dados obtidos na mesma farão parte das discussões e considerações em nosso trabalho monográfico de final de curso.

Nosso objetivo na pesquisa é de definir ou esclarecer o papel da escola e da família quanto ao cuidar, buscando compreender seus sentidos e em que condições esse papel vem sendo desempenhado pela escola e pela família.

Você poderá usar um nome fictício para o preenchimento deste questionário, garantindo assim que a sua identidade fique preservada e que as perguntas sejam respondidas o mais fielmente possível, expressando a sua forma de pensar e as experiências vividas por você em relação ao assunto.

Sinta-se à vontade para colaborar e responder as perguntas abaixo

1. Na sua visão, de quem é a tarefa de cuidar? Justifique.

2. O que você entende por cuidar?

3. Há muitos anos atrás, a educação das crianças ficava a cargo apenas de suas famílias. Com o aparecimento das creches e escolas essa tarefa passou a ser dividida entre ambas: escola e família. Para você, a escola hoje tem o papel de cuidar das crianças? Como?

4. Se você vê a escola como um espaço onde o cuidado ocorre, descreva um exemplo já vivido ou observado por você. Descreva também uma situação em que não foi observado o cuidado necessário.

5. Qual o papel da família com relação ao cuidado?

6. Em que ou quais fases da vida você considera o cuidado importante?
Justifique.

Autorizo a utilização das informações aqui prestadas na realização da pesquisa mencionada acima.

Nome fictício: _____

Mesquita, ____/____/ 2009.

ANEXO3
TRANSCRIÇÕES DAS RODAS DE CONVERSA

Primeira roda de conversa na turma do primeiro ano

(Professora) - Olha, eu já conversei com vocês sobre o que a gente vai falar na roda de conversa. Não é? Então, cada um já fez o seu desenho. No desenho vocês colocaram, desenharam, quem cuida de vocês cuidando de vocês, não é?

(crianças fazem barulho querendo falar)

(Professora) - Calma, o que a gente combinou? Na hora que quiser falar tem que fazer o quê? Levanta o dedo e espera a sua vez de falar. Pode falar junto?

(Crianças) - Não.

(Professora) - Pode?

(Crianças e professora) - Não.

(Professora) - Porque? Se falar junto com alguém vai dá pra a gente entender o que tá falando? Não. Vai embolar tudo. E aí ninguém vai entender nada. Então, ó, a gente tem que ter organização. Então, agora, primeiro eu vou deixar cada um falar um pouquinho. A gente vai fazer assim: vai começar por aqui, pela LO. A LO vai explicar o desenho dela e vai falar pra a gente o que ela desenhou, ta? Aí, vai, cada um vai ter a sua vez de falar o que desenhou no seu papel. Tá bom? Tudo bem? Então LO amostra pra gente, o que você desenhou?

(LO mostra o desenho)

(Professora) – Fala pra gente.

(LO) – Ta bem: minha mãe, meu pai,... e... minha irmã, meu ti-o, minha ti-a, meu ... pri-mo, meu primo e ... meu irmão.

(Professora) - Por que você desenhou todos esses?

(LO) - Por que eles cuidam de mim.

(Professora) - Todos eles cuidam de você?

(LO balança a cabeça dizendo que sim)

(Professora) - Aonde que eles cuidam de você? Eles cuidam de você aonde?

(LO) - Em casa.

(Professora) - Em casa. Como que eles cuidam de você?

(LO) - Eles cuidam... Como que eles cuidam?

(Professora) - É.

(LO) - Ai, eu não sei.

(P) - Você não sabe? E como que você sabe que eles cuidam de você?

(LO) - Humm

(Professora) - Você falou pra gente. Não foi? Ela não falou que eles cuidam dela? Então, fala pra mim. O que eles fazem pra cuidar de você.

(LO) - Ele me dá comida, eles... me dá banho, cabelo, ...

(Outro aluno) - me dá roupa...

(Professora) - Você não tá na sua vez de falar. Está na vez da LO, espera sua vez.

(O aluno ri)

(Professora) - Mais alguma coisa LO?

(LO balança a cabeça dizendo que não)

(Professora) - Não? Agora, então, é a vez do MA. Mostra pra gente o seu desenho MA.

(MA mostra o seu desenho)

(Professora) - E aí, o que você desenhou? Fala pra gente.

(Fala baixinho)

(Professora) - Não ouvi.

(MA) - Minha mãe e meu pai.

(Professora) - Sua mãe e seu pai. Quem é esse grandão aí?

(MA) - É minha mãe.

(Professora) - Sua mãe. E esse pequenininho?

(Uma criança) - Caraca!

(MA) - O meu pai!

(Risos das crianças)

(Professora) - Fala pra gente então. Para gente! Sem ri! (risadas) Não tô gostando. Assim não M! MA, fala pra gente, como é que sua mãe cuida de você? (silêncio) Como é que sua mãe cuida de você, MA.

(Ruído das crianças falando e ele no fundo falando baixinho)

(Professora) - Deixa o MA falar! Gente, eu não tô ouvindo o MA. Estou ouvindo a voz de um monte de gente, mas a voz do MA, eu não tô ouvindo, e a vez é

dele. Como é que seu pai cuida de você? O que ele faz pra cuidar de você, MA?

(Balança os ombros)

(Professora) - Não sabe? O que ele faz contigo.

(Outro aluno) - bate!

(Professora) - Você se chama MA? Então você não se mete. Fala MA.

(silêncio) Você mora com seu pai?

(Balança a cabeça dizendo que sim)

(Professora) - Mora? O que ele faz lá na sua casa.

(MA) - Nada.

(Professora) - Faz nada? (silêncio) Ele fica lá parado. Não faz nada. Não come, não dorme...

(Balança a cabeça dizendo que não)

(Professora) - Não, nada.

(Ele fica calado)

(Professora) - Eu acho que você está com vergonha. E a sua mãe? (ele fica calado) Hein, MA?

(Ele fala baixinho)

(Professora) - Não ouvi.

(Algumas crianças falam juntas fazendo um burburinho)

(Professora) - Calma, gente.

(MA) - Faz tudo.

(P) - Faz tudo? Tudo o que, por exemplo?

(MA) - Faz comida.

(Professora) - Faz comida e mais o que?

(Um aluno interrompe) - Faz as compra...

(Professora) - Espera aí! Você não é a mãe dele. Como é que você vai saber?

(MA põe a folha no rosto pra falar)

(Professora) - tira a folha do rosto MA! Isso. Fala pra gente, o que mais sua mãe faz?

(Ruído na turma)

(Professora) - Oi? Espera aí. Gente, eu não estou ouvindo o MA falar. Faz silêncio, por favor. Olha o que a gente combinou antes da roda de leitura, ou melhor, da roda de conversa.

(Outra aluna fala) - Arruma a roupa pra ir pra escola.

(Outros respondem o que combinamos)

(Professora) - Não precisa repetir. Todo mundo já sabe. Sua mãe faz comida...
faz mais o quê?

(A outra aluna repete) - Arruma a roupa da escola.

(Professora) - Foi isso que ele falou? Arruma a roupa da escola?

(Ele balança a cabeça dizendo que sim)

(Professora) - A sua roupa da escola?

(Ele balança a cabeça dizendo que sim)

(Professora) - Legal! E quando ela faz isso ela está cuidando de você?

(Ele balança a cabeça dizendo que sim)

(Professora) - Tá. Isso mesmo. Tem mais alguma coisa que você quer falar, que
ela faz pra cuidar de você?

(Balança a cabeça dizendo que não)

(Professora) - Não? Quer falar não?

(Fala baixinho) - Não.

(Professora) - Então tá bom. Agora é a vez... do...

(Dois alunos escondem a folha pra fingir que não fez)

(Professora) - Eu vi todo mundo trazer a folha.

(Um aluno fala) - WE.

(Professora) - Agora, é a vez do WE. WE, mostra pra gente o seu desenho. (A
professora fala com outra aluna) Senta direitinho, LO. (ruído dos alunos) Quem você
desenhou aí, WE?

(WE fala baixinho) - Meu pai... minha irmã...

(Professora) - Quem? Seu pai? Mais quem?

(WE) - Minha irmã...

(Professora) - Ham.

(WE) - E minha irmã pequenininha.

(Professora) - Essa sua irmã que você desenhou é a sua irmã mais velha?

(WE repete baixinho) - E a minha irmã pequenininha.

(Professora) - Então tem a sua irmã mais velha e a sua irmã pequenininha. A tá.
E aí? O que eles fazem pra cuidar de você? Como é que o seu pai cuida de você?

(WE) - Dá comida...

(Professora) - Dá comida. Mais o que? (ele fala muito baixinho, mais o barulho de outros alunos conversando atrapalha de ouvir) Vocês estão ouvindo ele falar? (WE tenta falar) Espera um pouquinho, WE. Vocês estão ouvindo o WE falar?

(Um aluno responde) - Eu não tô ouvindo nada.

(Professora) - Sabe por que, que vocês não estão ouvindo? Porque vocês estão con-ver-san-do. E eu não estou gostando.

(Um aluno pede pra beber água)

(Professora) - Agora não. Estamos na roda de conversa. Fala WE. (ele fica calado) Mais alguma coisa que seu pai faz? (não fala nada) E a sua irmã mais velha? O que ela faz pra cuidar de você?

(WE) - Ela lava minha roupa.

(Professora) - Ela lava sua roupa? Ela lava só a sua roupa ou lava a roupa de todo mundo da sua casa?

(WE) - De todo mundo.

(Professora) - De todo mundo? E a sua irmãzinha mais nova? Ela cuida de você também? (WE balança a cabeça dizendo que sim) Cuida? Como que ela cuida?

(A voz baixa dele se mistura com ruídos da turma)

(Professora) - Gente, eu não tô ouvido. Fala WE.

(WE) - Fala muito baixo e não dá pra entender)

(Professora) - Quando você acorda de manhã ela te dá café? Ou quando ela acorda... Quem que acorda primeiro? Você ou ela?

(WE) - Eu.

(Professora) - Você. Ah, tá. Aí, depois você acorda e ela que faz o café pra te dar? (ruído das crianças) Mas, ela é bebê? (silêncio) Ela é bebê?

(WE balança a cabeça dizendo que não)

(Professora) - Ela tá pensando que ela é bebezinha. Deve ter sido porque você falou que é irmãzinha, né. Tem quantos anos, sua irmãzinha?

(WE) - Nove.

(Professora) - Nove? Ah, então ela é mais velha que você. Né?

(Barulho de algumas crianças falando juntas)

(Professora) - Agora é a vez... agora é a vez de todo mundo ficar quietinho.

(Outra criança fala no meio do barulho das outras crianças)

(Professora) - Vai continuar falando? (a professora espera fazerem silêncio,

porém uma continua conversando) FABI! Senta direito.

(Um aluno se levanta para pegar o casaco)

(Professora) - Não tem necessidade de pegar casaco. Não tá fazendo frio, o ventilador está desligado. Senta! Agora é a vez do MATI falar.

(Ele esconde o desenho)

(Professora) - Você não quer mostrar o seu desenho? É isso? Então tá. Então não precisa amostrar. (uma criança interrompe amostrando a folha atrás dele) Está bom, deixa ele.

(Outro aluno fica tentando pegar a folha dele para amostrar)

(Professora) - JO, respeita a vontade do colega. Ele não quer mostrar, então tudo bem. Mas ele vai falar pra gente o que foi que ele desenhou. O que você desenhou no seu papel?

(JO insiste em pegar o papel do MATI)

(Professora) - JO! (ele para e todos fazem silencio) Fala MATI, o que você desenhou no seu papel?

(M) - Nada.

(Professora) - Oi? Nada! Mas eu vi que tem desenho aí no seu papel. (ele fica com vergonha) Tá. Não amostra, não precisa amostrar, mas só fala. Tá? Tudo bem?

(M mexe a boca e não dá pra entender o que fala)

(Professora) - Oi? Fala pra fora. (silencio) Você desenhou quem, M? (Ele continua em silêncio) M, você gosta tanto de falar, aí quando chega na sua vez você não quer falar.

(outro aluno fala) - Ele falou que não quer falar!

(Professora) - Tá, tudo bem. Quem, M? Você desenhou quem?

(M) - Meu pai, minha mãe... meu irmão...

(Professora) - Todos eles cuidam de você? Como é que...

(alguns alunos o interrompem falando)

(Professora) - Olha o respeito...

(um aluno pega o desenho dele para mostrar sem a sua permissão)

(Professora) - Olha o res-pei-to! (o aluno fica rindo) Me dá isso aqui.

(M) - Ele faz comida... o meu pai, é, a minha mãe lava roupa...

(Professora) - Mais o que?

(outra aluna pergunta) - Cadê o seu desenho?

(ele continua) - Faz comida...

(Professora) - Aha, isso você já falou.

(M) - Meu pai faz... Meu pai compra pão,... só.

(Professora) - Só? Legal. Agora... continuando em silencio... né? Né, RE?

(um aluno diz) - Ela tá falando besteira.

(Professora.) - Eu tô vendo. E não tô gostando.

(crianças falam juntas)

(Professora) - Espera. Cada um tem a sua vez de falar. Agora, é a vez do JO mostrar pra gente... RI! Agora é a vez do JO mostrar pra gente o desenho dele.

(Outro aluno) - Amostra!

(Professora) - Não quer mostrar. Tá com vergonha?

(outro aluno fala) - Então tá.

(Professora) - Então tá. Não mostra, mas fala. Fala pra gente JO. (RI mostra outro desenho rindo) Tá, esse não é o dele não. Eu não estou achando graça.

(outro aluno) - Então, rapidinho, que eu vou pegar o dele.

(Professora) - Não! Eu não estou achando graça. Hum... dois... três... RA, volta pro lugar! Fala JO. Então fala pra gente o que você desenhou. (não responde nada) Quem é que você desenhou?

(JO) - Meu pai...

(Professora) - Desenhou seu pai e mais quem?

(JO) - Minha irmã.

(Professora) - O que o seu pai faz pra cuidar de você? O que seu pai faz?

(JO) - Bota comida...

(as crianças fazem barulho enquanto ele fala)

(Professora) - O que? Peraí! Bota comida pra você...

(JO) - Leite...

(Professora) - Ele faz leite?

(JO) - Ele sabe fazer pão.

(Professora) - Ele... ele é padeiro? (JO balança a cabeça sorrindo dizendo que sim) Que legal!

(JO) - Ele vende pão.

(Professora) - Ele tem uma padaria?

(JO balança a cabeça dizendo que sim)

(Professora) - Legal! É lá na sua casa ou é em outro lugar?

(JO) - É na minha casa... (ele se empolga falando e atropela as palavras)

(Professora.) - E é gostoso o pão que ele faz?

(JO responde que sim balançando a cabeça e falando embolado)

(Professora) - Legal! E o seu irmão, faz o que ele faz pra cuidar de você?

(JO) - Ele pega passarinho.

(Professora) - Mas, isso é pra te ajudar? Pra cuidar de você?

(JO) - Não.

(Professora) - Então, o que ele faz pra cuidar de você?

(JO) - Nada. Ele tem... ele trabalha na minha avó... a minha avó (embola as palavras na hora de falar) ela dá coisa pra gente.

(Professora) - Ela quem?

(JO) - A dona Nelsa.

(Professora) - E quem é a dona Nelsa?

(JO) - A minha avó!

(Professora) - Sua avó?

(JO) - É.

(Professora) - Aí ela dá um monte de coisa pra vocês? E quando ela tá dando alguma coisa pra vocês ela tá cuidando de vocês?

(JO balança a cabeça dizendo que sim) - Ela até bate (se embola nas palavras)

(Professora) - A é?

(JO) - É.

(Professora) - Hum... Mas ela bate sempre? É? Porque que ela bate?

(JO) - Não sei.

(Professora) - Do nada, assim, ela olha pra sua cara e começa a bater?

(JO rindo responde) - É.

(Professora) - Tem certeza que é assim JO?

(JO continua falando embolado ao mesmo tempo que outra criança fala junto)

(Professora) - RI, eu estou ouvindo a sua voz em vez de ouvir a voz do JO. E agora a vez é do JO. Fala JO.

(JO) - Não tem a minha avó? Ela é... (embola as palavras)

(Professora) - Peraí! Não entendi. Fala mais alto.

(crianças falam junto com ele e não dá pra entender)

(Professora) - Olha só! Se continuar assim, eu não vou deixar participar mais da roda de conversa. (o barulho continua e uma das crianças se distrai mexendo com outro objeto) O que eu falei? Era pra vir pra vir para a roda só com a folha. LV! Me entrega o lápis. Só com a folha. Vocês já tiveram tempo pra desenhar. (o barulho continua) Ainda não acabou a roda de leitura, a roda de conversa. Agora é a vez da MI. MI, mostra pra gente o seu desenho.

(MI amostra)

(Professora) - Isso. Quem você desenhou aí?

(MI) - Minha mãe e meu pai.

(Professora) - E são eles que cuidam de você? Como é que eles cuidam de você?

(MI) - Minha mãe faz comida, lava roupa, arruma a casa. Lava a louça...

(Professora) - Quem lava a louça?

(MI fala baixinho) - Eu.

(Professora) - Você que lava a louça?

(outro aluno fala) - Eu também.

(MI continua) - Cuido da minha irmãzinha...

(Professora) - Como é que você cuida da sua irmãzinha?

(MI) - Eu dou mamadeira pra ela.

(Professora) - A é?

(MI) - É.

(Professora) - Quantos anos ela tem?

(MI) - Ah, ela é bebezinha.

(Professora) - Bebezinha? Tem nem um ano, então? Sabe nem falar ainda? Sabe nem falar ainda?

(MI) - Não.

(Professora) - Ela já anda?

(MI) - Não.

(Professora) - Também não. Você dá mamadeira pra ela e faz mais alguma coisa? O que mais você faz pra cuidar dela?

(MI) - É... arrumo a casa, arrumo o berço... é...

(Professora) - É mesmo? Legal! Muito bem. Agora é a vez do JH. JH, o que você desenhou?

(ele fala baixo, mas outras crianças falam junto)

(Professora) - Calma aí. Eu não consegui ouvir o JH falar, porque a MI e o M ficaram falando junto. (algumas crianças saem do seu lugar na roda) Vão pro lugar onde vocês estavam. Não é pra ficar pulando de um lugar pro outro, não.

(tempo para voltarem ao lugar)

(Professora) - Espera um pouquinho. (um aluno sai da roda) Não. Volta pra onde você estava! (aguarda mais um pouco) Já parou a conversa? Podemos continuar?

(as crianças respondem) - Podemos.

(Professora)- Podemos?

(respondem) - Podemos.

(Professora) - MI. Não, MI, não. JH. (uma criança implica com a outra) Pa-ra! Fala, você desenhou...

(JH fala baixinho) - A minha mãe,...

(Professora) - Fala mais alto que eu não tô ouvindo.

(JH) - Tem meu pai minha mãe, é... (põe o papel na boca)

(Professora) - Tira o papel da boca que eu não consigo entender. Você desenhou seu pai, sua mãe...

(JH) - E... a... o meu irmão...

(Professora) - O seu irmão... sua irmã...

(outro aluno) - E você.

(JH) - O meu pai... minha mãe...

(RI interrompe) - A Nayara, o cabeção do...

(Professora) - Espera rapidinho. RI, eu vou ter que tirar! Ainda não é a sua vez de falar! Ou então, quando chegar na sua vez de falar, eu não vou deixar. Você não tem respeito.

(uma aluna fala) - Tem que ficar quietinho.

(Professora) - Claro. Tem que respeitar os colegas. Esse barulho está atrapalhando demais. (um aluno fica mexendo na alça do carrinho da mochila) O que essa mochila tá fazendo aqui? Deixa aí! JH, fala: o que o seu pai faz pra cuidar de você?

(JH) - É... ele... bota eu... eu... bota eu... em cima da cama... aí minha mãe... cobre.. aí minha mãe cobre... minha irmã me dá banho... aí lava o cabelo... aí eu come... aí eu come... doce...

(Professora) - Aí, o que?

(JH) - Aí, eu come até uma comida. Com galhinha e com queijo.

(Professora) - Hum... E quem faz a comida?

(JH) - Minha mãe.

(Professora) - Sua mãe? (ruídos da turma) Peraí. Eu não consegui ouvir o que o JH falou, gente. O barulho atrapalha. (o barulho continua) Esse barulho a-tra-pa-lha. JH, quem que faz a comida?

(JH) - A... Minha mãe... aí também o meu pai faz... aí minha mãe tá trabalhando... meu pai faz comida... aí meu pai dorme... aí espero ele acordar pra ir pra pracinha...aí minha mãe, minha mãe ficou em casa. Aí... a gente... fica... a gente vem pra comida... vai pra casa... aí a minha prima me machuca.

(Professora) - Todo dia isso acontece?

(JH balança a cabeça dizendo que sim)

(Professora) - Nossa! Mas, então, quem é que cuida de você afinal?

(JH) - A Fabiana, a minha mãe... a minha mãe e meu pai.

(Professora) - Hum... Fabiana é quem? Sua tia?

(balança a cabeça dizendo que sim)

(Professora) - Aquela sua tia que você falou que te leva pra pracinha. Tá bom. (ruído de crianças conversando) Agora, gente... dá licença. Vou separar: FA (a professora aponta para ela sentar em outro lugar) e se ficar conversando com ela vou colocar em outro lugar. Agora é a vez... do... GA. GA mostra para gente o seu desenho.

(GA coloca a folha no rosto com sorriso envergonhado)

(IA) - Ele tá com vergonha.

(Professora) - Tá com vergonha, GA?

(GA balança a cabeça dizendo que sim)

(Professora) - Então tá. Não precisa mostrar, é só falar. Quer falar?

(GA balança a cabeça dizendo que não)

(Professora) - Não quer falar? (Confirma com a cabeça) Tem certeza?

(IA) - O desenho dele é igual ao dela.

(Professora) - Não tem que falar nada de ninguém, que não é a sua vez. Tá, IA.

(Um aluno ao fundo) - Posso ir ano banheiro?

(Professora) - Não. (estava no horário do recreio do segundo segmento que é bastante tumultuado) Agora, então, é a vez da ME mostrar pra gente o desenho.

Amostra, ME. (Ela amostra) Legal! Quem você aí?
(Alguns alunos falam junto com ela e não dá pra entender)
(Professora) - Calma aí, gente. Não tô ouvindo a ME falar. (Eles, então, fazem silencio) Fala, ME.
(ME fala baixinho)
(Professora) – Fala mais alto, por favor, que eu não tô ouvindo.
(ME) - Desenhei minha mãe e minha irmãzinha pequena.
(Professora) - Sua mãe e sua irmãzinha pequena? Então fala pra gente o que sua mãe faz pra cuidar de você?
(ME fala bem baixinho) - Ela me dá comida...
(Professora) - Te dá comida...
(ME) - Banana e maçã.
(Professora) - Banana e maçã? (ME fica calada) Só isso ou mais coisas? Que ela faz? (silencio) Mais? Não? E a sua irmãzinha?
(ME baixinho) - Ela fica brincando.
(Professora) - Ela fica brincando? E aí, quem cuida da sua irmãzinha?
(ME) - Minha mãe.
(Professora) - Sua mãe? Você a ajuda?
(ME) - Sim.
(Professora) - Como que você ajuda ela?
(ME) - Arrumo a casa, lavo Luca pra ela.
(Professora) - Oi? Lava louça pra ela? (ME balança a cabeça que sim) Legal! Quer falar mais alguma coisa? Não? Muito bem! Agora é a vez do RI: RI, mostra pra gente, RI. Vai mostrar? (Ele mostra) O que você desenhou aí?
(RI fala baixinho)
(Professora) - Fala alto.
(RI) - Eu desenhei é... meu pai... e a Melissa e... e... a Nayara... é... a Fabiana, e eu e minha irmã... e meu pai.
(Professora) - Tá. E por que você desenhou todo mundo aí?
(RI) - O que?
(Professora) - Por que você desenhou todo mundo aí? Todas essas pessoas?
(RI fala tudo enrolado e baixo não dando pra entender)
(Professora) - O que, RI?

(RI) - Ah! Eu também desenhei um avião.

(Professora) - Tá. Por que você desenhou isso tudo aí no seu desenho, na sua folha.

(RI) - Pra fazer enfeite.

(Professora) - Ah, pra fazer enfeite? (ele balança a cabeça dizendo que sim) Então, quem é que você desenhou aí que cuida de você?

(RI) - Minha mãe e meu pai.

(Professora) - Sua mãe e seu pai?

(RI) - Eu, aí... eu cato alho pra ela e lavo alface, tomate... E aí o meu pai só fica lá na sala vendo televisão, sentado.

(Professora) - Seu pai fica só lá vendo televisão?

(RI) - Aha. Fica um tempão. Aí... aí, eu primeiro faço minhas obrigações e depois eu brinco.

(Professora) - Primeiro você faz o que?

(RI) - È... faço a tarefa e depois eu brinco.

(Professora) - Hum. Quais são as suas tarefas?

(RI) - Varrer o quintal.

(Professora) - Varrer o que?

(RI) - O quintal.

(Professora) - O quintal?

(RI) - É.

(Professora) - Ah! Então, você cuida da sua casa, né. (Balança a cabeça dizendo que sim) Que bom! E na sua casa, quem cuida de você?

(RI) - Minha mãe.

(Professora) - Como é que sua mãe cuida de você?

(RI) - É... ela me dá comida. É... também dá bala pra mim. E... me dá doce.

(Professora) - Me dá o que?

(RI fala baixo) - Me dá doce.

(Professora) - Doce?

(RI) - Meu pai me dá doce.

(Professora) - Pera aí. Não entendi.

(RI) - Meu pai dá doce pra mim.

(Professora) - Seu pai?

(RI) - E também minha tia.

(Professora) - Traz doce?

(RI) - Ahã.

(Professora) - Aí a sua mãe dá pra vocês?

(RI) - Dá pra mim. Minha tia dá. A minha mãe e depois o meu pai.

(Professora) - E o seu pai? Você também falou que o seu pai também cuida de você, não é? Ele ajuda mesmo?

(RI fala baixo, e sua voz se mistura com as de outras criança conversando)

(Professora) - Aí, quando ela vai pra escola, o quê?

(RI) - O meu pai chega e cuida da gente.

(Professora) - Como é que ele cuida de vocês?

(RI) - Ele.. (uma criança interrompe tossindo) deixa a gente no quarto e fala assim: se a gente quiser qualquer coisa ele vai lá.

(Professora) - A tá. Entendi. Aí, quando vocês querem alguma coisa vocês chamam ela?

(RI) - É.

(Professora) - A tá. Fica você e sua irmã?

(RI) - Aí ele dá folhinha pra gente.

(Professora) - Dá folhinha também? Pra fazer o que?

(RI) - Pra ficar desenhando.

(Professora) - Aí, você e a sua irmã ficam juntos.

(RI) - É. Aí minha irmã lava louça. Aí eu ajudo a lavar.

(Professora) - Hum... Tá, entendi. Agora...

(RI continua falando)

(Professora) - Oi?

(RI) - Aí, eu arrumo a casa.

(Professora) - Arruma a casa? Então faz bastante coisa, né? Quer falar mais alguma coisa? Não? Agora é a vez da LAVI. Fala, LAVI.

(LAVI fala sem amostrar o desenho) - Eu desenhei...

(Professora) - Cadê o desenho? Quer amostrar? Gente, vamos ver o desenho da LAVI. (RI quer continuar falando) Já acabou a sua vez de falar. (Volta a falar com LAVI). Você desenhou... (barulho dos alunos interrompe) Pera aí! Fala.

(LAVI) - Minha mãe, minha tia, meu pai e minha avó.

(Professora) - Então, fala pra gente o que cada um faz para cuidar de você.

(LAVI) - A minha avó me dá comida e me dá banho.

(Professora) - Sua avó que te dá comida e te dá banho?

(LAVI) - É.

(Professora) - E as outras pessoas?

(LAVI) - Minha tia fica trabalhando.

(Professora) - E aí ela não cuida de você? Ou cuida? (Balança a cabeça dizendo que sim) Como que ela cuida?

(JO interrompe ela para falar de outro assunto)

(Professora) - JO, agora não é hora. Vamos ouvir a LAVI falar. Fala LAVI.

(Ela fica calada) Fala LAVI.

(LAVI) - Ela me dá banho.

(Professora) - Quem que te dá banho?

(LAVI) - A minha avó e a minha mãe.

(Professora) - A sua avó e a sua mãe? Legal! E a sua tia?

(LAVI) - Também cuida.

(Professora) - Também cuida? Como é que ela faz pra cuidar?

(LAVI) - Ela faz muita coisa.

(Professora) - Muita coisa? O que, por exemplo?

(LAVI) - Não lembro.

(Professora) - Não lembra? Não? Tá. É... tem mais gente que mora com você na sua casa?

(LAVI balança a cabeça dizendo que não)

(Professora) - Só elas? Então, tá. Você mora com seu pai?

(LAVI balança a cabeça dizendo que não)

(Professora) - Agora, é a vez da LA.

(Outro aluno) - LAVI.

(Professora) - Não. Tem LAVI e tem LA. A LAVI já falou. Agora a LA vai falar. Fala, LA.

(LA fala com a folha na boca)

(Professora) - Tira a folha da boca, se não eu não consigo ouvir. Fala.

LA - Eu desenhei meu pai e minha mãe.

(Professora) - Hum...

(Outro aluno) - E o irmão?

(Professora) - Você não é ela. Então fala pra gente. LA, o que eles fazem para cuidar de você?

(LA) - Eles me dá comida.

(Professora) - Eles te dão comida? Só, ou mais alguma coisa?

(LA balança a cabeça dizendo que sim)

(Professora) - Qual alguma coisa?

(LA) - Eles me dão banho.

(Professora) - Seu pai e sua mãe? Os dois te dão banho? (Ela diz que sim com a cabeça) Legal! Mais alguma coisa?

(LA) - E eu também cuido da minha irmã.

(Professora) - Você cuida da sua irmã? (Balança a cabeça dizendo que sim) E quantos anos tem a sua irmã?

(LA) - A minha irmã?

(Professora) - É.

(LA balança os ombros dizendo que não sabe) - É meu irmão! Eu cuido do meu irmão GA e meu irmão cuida de mim.

(Professora) - O que? O seu irmão GA, o que?

(LA) - O meu irmão GA, eu cuido dele ele cuida de mim.

(Professora) - A é? O seu irmão GA é aquele que estuda aqui?

(LA) - É.

(Professora) - Que legal! Como é que você cuida dele?

(LA) - Quando ele faz bagunça.

(Professora) - Aí o que você faz com ele quando ele faz bagunça?

(LA) - Eu falo pra minha mãe.

(Professora) - E a sua mãe faz o que?

(LA) - Dá uma coça nele.

(Professora) - Caramba. É sempre assim?

(LA) - é.

(Professora) - E ele? Como é que ele cuida de você?

(LA) - Ele me ajuda quando tomo banho.

(Professora) - Ele te ajuda?

(LA) - Ele fala pra mim passar pouco sabão...

(Professora) - Passar pouco sabão?

(LA)- É. No cabelo.

(Professora) - Ah, tá. Por que tem que passar pouco sabão no cabelo?

(LA) - Porque a minha mãe falou.

(Professora) - Mas aí, quem passa o sabão é ele ou é coce?

(LA) - Não. Eu sozinha.

(Professora) - A tá. Ele só fala pra você passar pouco. Entendi.

(LA) - É assim...

(Professora) - Quer falar mais alguma coisa? Não? E RE.

(RE) - Eu não quero falar. (E esconde a folha)

(Professora) - RE, não quer falar?

(Outro aluno) - A avó dela cuida dela.

(Professora) - É, RE?

(Outro aluno fala) - É.

(Professora) - É ou não é? (Ela não expressa nenhum sinal e fica com a cabeça abaixada) Só balança a cabeça, então? Balança a cabeça dizendo que sim ou não.

(RE fala baixo) - Não.

(Professora) - Não?

(Outro aluno) - Ela cuida. Ela falou...

(Professora) - Ela falou que não, gente.

(RE resolve mostrar o desenho)

(Professora) – Quem é essa pessoa do desenho?

(RE não responde e cada aluno fala que é uma pessoa)

(Professora) - Ela deve estar com vergonha. Né? (Inicia-se um barulho de crianças falando ao mesmo tempo) Deixa só eu falar uma coisa com o JO e com a MI. Por que o JO e a MI estão fazendo barulho e estão atrapalhando? Deixa ela, gente, não quer falar, não fala! Ela tem o direito dela. Agora é a FA. Fala, FA. Fala alto.

(FA) - Eu desenhei minha mãe, meu pai e minha tia.

(Professora) - O que eles fazem pra cuidar de você?

(FA) - Me dá comida, me dá lanche, me dá jantar, me leva pro parquinho.

(Professora) - Todos eles fazem isso tudo?

(FA) - É. Manda eu estudar, fala pra eu entrar... Aí quando eu vou brincar com a minha amiga, aí ela me chama.

(Professora) - Ta, e vocês brincam aonde?

(as crianças voltam a fazer barulho atrapalhando entender o que falam)

(P fica séria) - Continuando... 1... 2... 3... FA, e onde você brinca?

(FA) - Eu brinco lá na casa dela.

(Professora) - Dela quem?

(FA) - Da minha amiga. Quer saber o nome dela?

(Professora) - Fala.

(FA) - É... VI. Não VI, não. É JÁ. Eu tenho duas amigas: JÁ e JE.

(Professora) - Elas são irmãs?

(FA) - Não, são amigas.

(Professora) - Ah... legal!

(Alunos começam a conversar entre si e dispersam a atenção)

(Professora) - Gente! Atenção!

(O barulho continua)

(Professora) - 1... 2... 3. Agora que vocês já mostraram o desenho que fizeram com as pessoas que cuidam de vocês cuidando de vocês. E contaram como eles cuidam. Nós vamos volta pros lugares, sentar e fazer as atividades do dia. Vamos là!

(E assim fica encerrada a roda de conversa do dia)

Segunda roda de conversa na turma de primeiro ano

(Professora) - Então, vamos começar. Ontem, a gente fez uma roda de conversa, não foi?

(alunos) - Foi.

(Professora) - E aí, na roda de conversa vocês amostraram o desenho de vocês, não é? Quem cuida de vocês. E aí cada um mostrou o seu desenho e contou pra gente um pouquinho sobre quem cuida de vocês em casa. Agora, hoje, a gente vai falar também sobre isso, mas vai ser diferente. Hoje, não é todo mundo obrigado a falar. Você só vai falar se você quise. Então vou fazer assim: eu vou perguntar alguma coisa e quem quiser falar levanta o dedinho pra falar. E se não quiser falar é só ficar quietinho ouvindo os colegas. Ta? Tudo bem?

(UM aluno levanta do dedo) - Ta.

(Professora) - Mas eu ainda não comecei a perguntar. Co é que você já ta

levantando o dedo?

(Outro) - O tia, agente não vai falar da festa junina, não?

(Professora) - Pois é daqui a pouco a gente fala sobre isso. Olha só...

(Outro aluno) - Ontem a gente não fez roda de leitura.

(Professora) - Não. Ontem também foi roda de conversa. Olha só, gente.

(Barulho das crianças falando)

(Professora) - MATI e LO, é pra prestar atenção. AGORA!AGORA! . Olha...

Estou esperando o silencio. (Pausa para o silêncio) Ontem, vocês amostraram o desenho de vocês. Tem gente que mostrou o pai, a mãe, o irmão, a irmã, o avô, a avó... Cada um mostrou uma pessoa.

(Outro) A tia...

(Professora) - A tia... o tio... Nè? Agora, eu quero que vocês falem pra mim: Quem que vocês acham que na vida de vocês tem obrigação de cuidar de vocês? Por que tem muita gente que cuida, não tem?

(Professora) - Mas quem que vocês acham que tem obrigação?

(LO) - Eu.

(Professora) - Fala, LO.

(LO) - A minha mãe.

(Professora) - Sua me. Você acha que ela tem obrigação de cuidar de você?

(LO balança a cabeça dizendo que sim)

(Professora) - você.

(IA) - Minha... meu pai.

(Professora) - IA acha que é seu pai. E você?

MI - Meu pai. Meu pai não mora comigo.

(Professora) - Ele não mora contigo?

(MI) - Mora lá em Austin.

(Professora) - A é? Mas você acha que ele tem obrigação de cuidar de você?

(MI) - É.

(P) - Ta. E você ME?

(ME) - Minha mãe.

(Professora) - Sua mãe?

(Um aluno) - De novo!

(MA) - Meu pai e minha mãe.

(Professora) - Os dois juntos?

(MA) - É.

(Professora) - Ta. E você, FA?

(FA) - O meu tio.

(Professora) - O seu tio? O seu tio tem obrigação de cuidar de você?

(FA) - É. Ele traz sempre doce pra mim. Chiclete, biscoito, sapado, roupa...

(Professora) - E ele tem obrigação de fazer isso? Você acha que ele tem que fazer isso?

(FA) - Ele me deu até uma maquiagem.

(Professora) - Ta. Mais alguém pensa diferente?

(FA) - Eu. Eu mais uma vez.

(P) - Você já falou FA.

(FA) - Ô tia.

(Professora) - Você gosta muito de falar FA.

(FA ri)

(Professora) - Fala você MATI>

(MADI) - Minha mãe.

(Professora) - Que:

(MADI) - Meu pai e minha mãe.

(Professora) - Seu pai e sua mãe são a pessoa que tem que cuidar de você?

(MADI) - É. E minha irmã...

(Professora) - E você, WE?

(WE) - A minha mãe.

(Professora) - Sua mãe. MADI, por que sua irmã então tem obrigação de cuidar de você?

(MADI) - Por que sim.

(Professora) - Por que sim? E você GARA?

(GARA) - Minha mãe.

(Professora) - Sua mãe é quem tem obrigação, seu pai não?

(GARA balança a cabeça)

(Professora) - Tá. Gente, vocês já falaram pra mim quem cuida de vocês lá na casa de vocês. Não já? Ontem vocês já contaram. Ontem vocês também me contaram

como é que as pessoas cuidam de vocês na casa de vocês. Não é? Mas, é só em casa que tem gente cuidando de vocês ou em outros lugares também tem gente que cuida?

(Um aluno) - Em outros lugares.

(Professora) - Aqui na escola, por exemplo, quem cuida de vocês?

(LAVI) - O professore.

(Professora) - Eu cuida LAVI?

(Varias crianças falam ao mesmo tempo)

(Professora) - Olha o que a gente combinou: Quem quer falar levanta o dedo.

(FA) - Quem quer falar levanta o dedo e não pode falar junto.

(Professora) - Fala MATI.

(MATI) - A minha mãe.

(Professora) - A sua mãe tem que cuidar de você aqui na escola também? To perguntando agora que na escola. Quem é que tem que cuidar de você aqui na escola?

(MATI) - Minha irmã.

(Professora) - Sua irmã? Ela estuda aqui?

(MATI) - é.

(Professora) - Ah... E você MA.

(MA) - Minha irmã.

(Professora) - Sua irmã? Sua irmã estuda aqui? (Balança a cabeça dizendo que sim) Aí, ela tem que ficar cuidando de você aqui na escola?

(MA balança a cabeça dizendo que sim)

(Professora) - E você WE?

(Ele não fala, apesar de ter levantado o dedo, e as crianças riem)

(Professora) - O que é que foi?

(MADI) - Fala.

(WE fala baixo) - Minha irmã.

(Professora) - Eu não to perguntando quem estuda aqui. Eu to perguntando quem tem obrigação de cuidar de vocês aqui dentro da escola.

(Um aluno) - Minha irmã.

(Outro aluno) - Meu irmão.

(JHO) - Minha mãe.

(Professora) - A sua mãe tem que ficar aqui na escola cuidando de você? Aqui dentro da escola? Na sala de aula, junto?

(JHO) - É.

(P) - É isso?

(Outro aluno) - Não... A professora.

- Ágüem concorda?

(MADI) - Só se a mãe dele estuda aqui!

(Professora) - Alguém concorda com o JHO?

(As crianças) - Não.

(Professora) - Por que não?

(Confusão: todo mundo respondendo ao mesmo tempo)

(MADI) - Porque a nossa mãe tem que estudar em outra escola.

(IA) - O tia, a minha mãe estuda.

(Professora) - A sua mãe estuda.

(IA) - Agora ela vai estudar no Castelo Branco.

(Professora) - E você LA?

(LA) - A professora.

(Professora) - A professora é quem você acha que tem que cuidar de você aqui?

(Eles falam) - É.

(Professora) - Só a professora?

(Os alunos) - Não.

(Professora) - Mais quem?

(MADI) - O tio

(Outro aluno) - O nenenzinho.

(Professora) - Que tio?

(Outro aluno insiste) - E o neném, tia. (a professora estava grávida)

(Professora) - O neném tem que cuidar de vocês?

(Uma aluna) - Não. A gente cuida... A gente tem que cuidar do neném.

(Outros alunos querem falar junto e se levanta)

(Professora) - Calma gente! Todo mundo senta.

(Eles colocam a mão na barriga da professora)

(Professora) - Calma aí, gente. Assim ele vai ficar maluco com tanta mão assim em cima dele.

(Um aluno) - Tia.

(Professora) - Espera aí. Quem quer falar levanta o dedo.

(RE) - A professora.

(Professora) - A professora?

(Os alunos, novamente começam a falar ao mesmo tempo)

(Professora) - Então, gente. 1... 2... 3.

(Alguns alunos querem falar)

(Professora) - Espera aí. Ô. O que você está fazendo fora da roda? Ainda não acabou a roda.

(O aluno retorna)

(MADI fica cantando na roda: “Um tapinha não dói...”)

(Professora) - Você esta atrapalhando, MADI! Eu acho que a ME... Eu acho que a ME quer falar pra gente mais coisas. Porque até agora, todo mundo só falou professora. Eu quero saber se mais alguém da escola tem que cuidar.

(MADI) - Meu irmão.

(Professora) - Espera! A ME quer falar agora. Fala, ME.

(ME) - Meu irmão.

(Professora) - O que é que tem o seu irmão?

(MADI_) - Estuda aqui.

(ME) - Ele estuda aqui em cima e... na hora do recreio ele cuida de mim.

(Professora) - Ah... entendi. E você LO?

(Outros alunos falam junto com a LO)

(Professora) - Espera aí. ?eu não consegui ouvir o que a LO falou porque tem gente, sabe, falando junto. Fala LO>

(LO) - É duas gentes que tem aqui. Minha irmã e você.

(Professora) - Hum... Então as duas pessoas tem que cuidar de você: a sua irmã e eu? A sua irmã que você tá falando é aquela que estuda no segundo ano?

(LO) - É.

(Professora) - Ta. Agora, olha só: vocês falaram quem que vocês acham que tem que cuidar de vocês na escola. Mas, vocês não me falaram como que essa pessoa cuida de vocês na escola. Quero saber também isso. Fala LAVI. Quem cuida de você na escola e como é que cuida?

(LAVI) - Minha tia.

(Professora) - Sua tia?

(LAVI) - Você.

(Professora) - Ah, eu? E como é que eu cuido de você na escola?

(MADI) - Fazendo deve. Aquilo, isso e isso, isso...

(Professora) - Eu faço dever?

(MADI) - Não. Passa.

(Professora) - Não eu quero saber como eu cuido de vocês.

(MADI) - Ai...

(Professora) - Fala, LO.

(Outros alunos falam juntos com a LO)

(MADI)- Eu também que falar.

(Professora) - Pêra aí. Eu não to conseguindo ouvir a Lo falar.

(LO) - Você passa dever pra gente.

(Professora) - Eu passo dever pra vocês?

(Os alunos) - É.

(LO) - Você faz ponta pra gente...

(Professora) - Mais o que eu faço?

(MADI) - Deixa apagar o quadro... deixa brincar...

(Outro aluno completa) - Quando a gente se comporta.

(IA) - Aí você deixa a gente fazer bagunça.

(Professora) - Aí, eu deixo fazer bagunça ou deixo brincar?

(Eles respondem) - Brincar!

(IA) - Mas aí a gente faz bagunça!

(Professora) - Aí, quando faz bagunça pode continuar?

(Alunos) - Não.

(IA) - aí, tem que arrumar.

(Professora) - E quando vocês estão arrumando a sala vocês estão cuidando da escola?

(ISA) - Ahã...

(Professora) - Então, será que é só as pessoas que cuidam de vocês ou vocês também cuidam de outras pessoas?

(IA)- agente cuida!

(Professora) - De quem?

(IA) - Das pessoas da nossa família... Da nossa casa... Da nossa escola. Da nossa professora...

(Professora) - Então, todo mundo cuida.

(Alunos) - Cuida.

(Professora) - Ontem quando eu perguntei quem é que... (barulho das crianças falando junto) Olha só, gente. Ontem quando eu perguntei pra vocês... (continua o barulho) Desse jeito não vai dar pra continua.

(Um aluno) - Tia, osso ir no banheiro?

(Professora) - Não. Tem gente lá. Tem que esperar voltar. Olha só. Quando eu perguntei pra vocês, ontem, quem é que cuidam na casa de vocês, vocês só me falaram das pessoas que cuidam de vocês. Vocês não falaram que vocês cuidam também. Vocês não falaram outras coisas como vocês estão falando hoje. Viu com é bom a roda de conversa? A gente pra pensar mis. Hoje a gente já percebeu que a gente também pode cuidar da nossa sala de aula, da nossa escola. Não foi como vocês falaram?

(Alunos) - Foi.

(FABI levanta o dedo)

(Professora) - Fala, FABI.

(FABI) - Quem cuida de mim aqui na escola é você...

(P) - Como que eu cuido de você?

(FABI) - Fazendo... passando dever...

(Professora) - Só?

(FABI) - Não. Cuidando da gente...

(Professora) - E como é? Cuidando de você, como?

(FABI pensa) - A gente bagunça a sala... aí... depois você manda a gente arrumar... e a gente arruma.

(Professora) - Hum... MA, fala. Você começou a falar e parou

(MA não fala nada)

(FABI) - E também tem o professor, que cuida da gente.

(Professora) - Qual professor?

(FABI) - O... tio Eduardo.

(OUTROS ALUNOS) - o TIO Eduardo!

(Professora) - O tio Eduardo, ele também cuida de vocês?

(FABI) - Sim.

(Professora) - Como é que ele cuida?

(JHO tenta falar, mas o barulho dos outros alunos querendo falar também não

deixa ouvir)

(Professora) - O JHO falou, mas a gente não consegue ouvir o que o JHO falou.

Fala, JHO.

(JHO) - É. ele conta historinha pra gente.

(Professora) - Aí, quando conta historia também ta cuidando?

(MADI) - Ele deixa agente contar a história toda...

(Professora) - A ME quer falar. Fala, ME.

(ME) - Não pode fazer bagunça na sala se não a tia tem neném (a professora já estava com oito meses de gestação).

(Professora) - Se não a tia tem neném... Isso aí. Então se vocês não fizerem bagunça vocês estão cuidando do neném na minha barriga?

(Alunos) - Não.

(Professora) - Escuta só. A ME falou que não pode fazer bagunça para na agitar o neném que ta na minha barriga. Então, se vocês não fizerem bagunça pra na agitar o neném que tá na minha barriga, vocês estão cuidando do neném?

(Vários alunos respondem diferente)

(Professora) - Quem acha que ta cuidando levanta o dedo: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10... 11 pessoas acham que ta cuidando. E quem acha que não ta cuidando? 1, 2... Só duas pessoas acham que não ta cuidando.

(IA) - Eu acho que ta cuidando.

(P) - Por que você acha que ta cuidando?

(IA) - Porque o neném é bonito, ué! Vai nascer fofinho. Se a gente fica gritando, aí o neném vai vir aqui e não vai... na vai mais gostar de vir aqui. E vai ficar... vai... vai ficar estranho.

(ME) - Vai assustar o neném!

(Professora) - Vai assustar o neném? Então isso na é bom.

(IA) - Aí ele vai chorar. É ruim. Cuidar é bom. Mas fazer bagunça o neném vai... não vai... vir mais aqui.

(Professora) - Agora, pra encerrar... eu vou contar até três pra todo mundo ficar na rodinha direito. 1... 2... 3. então, a gente pode cuidar da gente mesmo também?

(Alunos) - Pode.

(Alguns) - Não.

(IA) - Pode! Pode!

(Outro aluno) - Sim. Sim.

(Professora) - Quem acha que agente pode cuidar da gente mesmo levanta o dedo.

(Os alunos falam ao mesmo tempo)

(Professora) - Silencio!

(JHO fala baixinho) _

(Professora) - O JHO falou que... O JHO levantou o dedo. Ele acha que a gente pode cuidar da gente mesmo. fala JHO , como a gente pode cuidar dagente meso?

(JHO) - é... a nossa mãe pode cuidar da gente.

(Professora) - Não. Eu to falando se eu posso cuidar de mim mesmo.

(MATI) - Pode.

(Professora) - Posso? Você pode cuidar de você mesmo? Como que você pode cuidar de você mesmo MATI? Fala pra mim.

(MATI bota um objeto na boca)

- Tira o negocio da boca pra falar. Fala.

(MATI não fala, enquanto isso a turma se dispersa e não dá mis pra continuar co a roda)

(Professora) - Então, vamos encerrar a roda de conversa por que vocês estão muito agitados. Vamos voltar para os lugares e fazer as nossas atividades do dia.

Roda de conversa na turma do terceiro ano

(Professora) - Toda criança é educada por alguém. Não é? Então quem cuida de vocês?

(DAN) - Minha mãe, minha irmã e minha tia.

(PA) - Minha mãe e meu pai.

(J) - Minha mãe.

(N) - Minha mãe.

(RE) - Minha avó. Quando a minha mãe está em casa é ela, mas é mais a minha avó.

(PO) - Minha mãe e meu pai.

(RA) - Minha mãe e meu pai.

(DA) - Meu pai porque minha mãe sai para trabalhar.

(G) - Minha mãe e meu pai.

(Professora) - Tá. Vocês já falaram quem cuida de vocês. Mas o que é cuidar?

(DAN) - É dar carinho, amor, tratar as pessoas com cuidado.

(Professora) - Como assim?

(DAN) - Não bater na pessoa.

(N) - A mãe dá carinho, amor paixão...

(RE) - A mãe não maltratar. Igual à gente vê na televisão. Eu vi no jornal a mãe pedir a irmã para ajudar a matar a filha.

(Professora) - Cuidar é só isso que vocês disseram?

(DAN) - Não deixar a pessoa passar fome, dar roupa, cuidar do lixo do chão. Meu pai me leva no parque, para comer pizza, leva na lan-house...

(PA) - Levar pra sair, passear...

(Professora) - E os pais de vocês cuidam de vocês dessa maneira?

(DAN) - Minha mãe não pode fazer isso porque ela só fica em casa sábado e domingo. De segunda a sexta a minha irmã, minha tia e meu tio cuidam de mim.

(L) - A minha! A minha mãe não! Ela me bate. Me espanca. Só as vezes que ela cuida de mim. Leva pro parque... Nas férias ela leva pra almoçar fora.

(Professora) - Vocês cuidam de alguém?

(G) - Eu. Da minha irmã, do meu cachorro...

(RE) - Cuido do meu cachorro, da minha avó, da casa e do computador.

(Professora) - Como você cuida da sua avó?

(RE) - Porque ela tem problema de coluna.

(I) - Da casa, do cachorro, das minhas primas pequenas.

(DAN) - Do meu cachorro, da minha irmã, dos brinquedos, da casa, de mim...

(Professora) - Como você cuida de você mesmo?

(DAN) - Tomo banho, arrumando a roupa, cortando o cabelo...

(RE) - Eu também cuido de mim. Tomo banho, boto roupa, passando maquiagem... (risos).

(PA) - Do sobrinho, da casa, do vídeo game...

(Professora) - Agora, na escola alguém cuida de vocês?

(I) - A professora olha a gente.

(G) - A professora.

(RE) - A diretora.

(PA) - As pessoas que dão comida.
(Professora) - As merendeiras?
(PA) - É.
(A) - Os inspetores.
(RA) - O tio Caio.
(G) - A tia Fátima.
(A) - A Elayne.
(Professora) - E como essas pessoas cuidam de vocês na escola?
(RA) - Coloca de castigo.
(Professora) - Por quê?
(TODOS) - Faz bagunça.
(G) - Briga com a gente, chama atenção.
(N) - Dão comida, deixam brincar.
(AL) - A professora ensina a ler.
(I) - A escrever, deixa mexer no computador.
(N) - Educação.
(RE) - Ensina coisas novas, informática...
(Professora) - E porque vocês acham que as crianças precisam de cuidado?
(N) - Pra não fazer coisa errada.
(J) - Pra não brigar, não xingar.
(RE) - Pra não bater, chutar, etc.
(N) - Porque os adultos querem o nosso melhor. Pra gente quando crescer, ser inteligente, ter educação.
(RE) - Ir pra faculdade. Ser alguém na vida.